JOÃO DA CAMARA

D. AFFONSO VI

DRAMA EM CINCO ACTOS

Representado pela primeira vez
no theatro de D. Maria II em 12 de Março de 1890

LISBOA

LIVRARIA A. FERIN

70, Rua Nova do Almada, 74

MDCCCXC

THEATRO

DE

JOÃO DA CAMARA

D. AFFONSO VI

DRAMA EM CINCO ACTOS

Representado em 1890

ACTORES

EL-REI	E. Brazão.
INFANTE	Ferreira da Silva.
CONDE DE CASTEL-MELHOR	J. Rosa.
SIMÃO PERES	A. Rosa.
DUQUE DE CADAVAL	Maia.
MARQUEZ DE CASCAES	A. Santos.
CONDE DA TORRE	Baptista Machado.
D. RODRIGO DE MENEZES	C. Posser.
ANTONIO DE MACEDO	C. O'Sullivand.
PADRE NUNO	Bravo.
FREI VALERIO	Silva.
FREI FERNANDO	N. N.
FREI JOÃO	N. N.
BRAZ, tratador dos cães d'El-Rei	A. Antunes.
UM MENDIGO velho	Ferreira.
UM COXO	Pinheiro.
UM MANETA	Silva.
UM OFFICIAL	Tarujo.
ANTONIO, taberneiro	Bravo.
ANTONIO DE BELEM, juiz do povo	Pinheiro.
O ESCRIVÃO do juiz do povo	Ferreira.
RAINHA	Rosa Damasceno.
MAGDALENA, sobrinha de Antonio taberneiro	Amelia da Silveira.
A CALCANHARES	A. Bresd'lind.
SOROR BENEDICTA	Emilia Candida.
UMA MENDIGA velha	Amelia Vianna.
UMA AÇAFATA da Rainha	Amelia O'Sullivand.

Fidalgos, frades, freiras, soldados,
membros da casa dos Vinte e Quatro, criados, povo, etc.

Lisboa, 1667.

PRIMEIRO ACTO

Um pequeno largo. Do lado esquerdo, a casa de Simão Peres fazendo esquina; na frente para o espectador, e no primeiro andar uma janella; na frente para o palco uma porta sobre uma pequena escada e outra janella no primeiro andar. Do lado direito, a taberna de Antonio; na frente para o espectador uma janella; na frente para o palco a porta. Ao fundo, o muro do jardim do Conde de Castel-Melhor; ao centro uma pequena porta. Á direita, vê-se uma parte da casa do Conde ligada por meio d'um arco com o resto da casa que pega com a taberna de Antonio. Esta parte da vista corta o angulo da direita. Sob o arco passa a rua, que atravessa o largo, e segue depois entre o muro do jardim e a casa de Simão Peres.

É noite. Á porta da taberna de Antonio está suspensa uma lanterna que illumina a scena.

SCENA PRIMEIRA

SIMÃO PERES, ANTONIO e MAGDALENA

Simão Peres e Antonio conversam de pé, á bôca da scena; Magdalena está sentada á porta da taberna

SIMÃO PERES

Então quem póde ver El-Rei quando sahia?

ANTONIO

Estes olhos que a terra ha de comer um dia.

SIMÃO PERES

É verdade, confesso; El-Rei, meu grande amigo,
Honrou-me esta choupana e conversou commigo
Sobre a paz, sobre a guerra, assumptos d'esta laia.

ANTONIO, maliciosamente

E desde quando usaes mantilha negra e saia?

SIMÃO PERES

Até viste a mulher! Um conselho, Antonico:
Olhaste como um lynce, agora cala o bico.

ANTONIO

Um segredo real!... Um crime se fallasse!

SIMÃO PERES

Um crime, tens razão, vergonha d'essa face.
Eis o caso: El-Rei D. Affonso, meu Senhor,
Ha dias, conversando:—«Amigo, é de suppor
Conheças na cidade um sitio mais discreto
Em que ás damas gentis eu mostre um puro affecto.»
—«Senhor, sei», respondi.—«Que tal de visinhança?»
Pergunta El-Rei depois. E, tendo-te em lembrança,
Então fallei de ti como na ausencia fallo,
Jurando não saber de mais fiel vassallo.

MAGDALENA, levantando-se

Comeis de um vil mister. Nós somos gente honrada.

SIMÃO PERES

Fallaste muito bem! Gostei d'essa estocada.
Achas tu que é vergonha El-Rei servir em tudo,
E açulas contra mim teu tio a quem ajudo,
Um tio, e quasi um pae, tutor e teu padrinho!
(Para Antonio)
Desgostos de familia afogam-se em bom vinho,
E eu vou beber do teu.

ANTONIO

Senhor...! E a vossa conta?

SIMÃO PERES

Ah! traidor! usurario! Ouviste aquella tonta!
Tens andado com sorte e não porque a mereças,
Mas é costume seu pairar sobre as cabeças
Dos tolos, dos villões, dos cães e dos tendeiros.
A sorte vae mudar, que são maus companheiros
Os segredos d'El-Rei.

ANTONIO

Senhor, que me assustaes!...

SIMÃO PERES

Sentido! ou sonharás com pontas de punhaes,
Tições da Inquisição, peçonhas e tormentos,

E has de acabar por fim a baloiçar aos ventos,
De corda no gasnete esse odre de miseria.
Um segredo real é coisa muito seria.
Jogaste, como burro, um formidavel coice...
Perdeste o meu favor, porque a paciencia foi-se.

ANTONIO

Culpa minha não foi... Da porta da taberna
Lobriguei tão sómente a sombra d'uma perna.

SIMÃO PERES

Pois, vista a contricção, fallemos d'outro assumpto.
A respeito d'El-Rei mais nada te pergunto.
Vae lá buscar o vinho e, se offender-te pude,
Arrependido, vou fazer-te uma saude.

MAGDALENA

Que servidor leal! Só joga, bebe e dorme!

ANTONIO

Senhor, já vos fallei na vossa conta enorme.

SIMÃO PERES

Tens razão... Pois paciencia...! É sina da honradez
Aos relentos dormir, jantar de mez a mez.
Se eu fôra, qual os mais, vestido d'interesse,
Offuscaria tudo onde hoje apparecesse.

Se queres perguntar,... foi bem sabido o caso;
Em plena luz do sol, em campo extenso e raso,
Ninguem póde occultar façanhas de tal ordem.
Embora os hespanhoes e os nacionaes concordem
Que seja illusão pura o ver-se um homem só,
Ao dar co'um terço em marcha, esfrangalhal-o em pó...
Eu fui qual um gigante, um forte d'outras eras!
Na espada tinha um raio, arfava como as feras!
Não quero exagerar; é certo que supponho
Ter sido grande ajuda um temporal medonho:
Se do terço hespanhol nem ha sequer indicios,
O vento espalhou muito os ultimos resquicios.
D. João d'Austria escreveu-me:—«Amigo, sede nosso.»
E eu só lhe respondi:—«Sou portuguez, não posso.»
—«Ministro eu vos farei. Se é pouco, se não chega,
Em Madrid vos outorgo a mais copiosa adega.»
E respondi que não, que não com mil protestos,
Seguindo como exemplo os homens mais honestos.
Por isso não sou mais que o pobre Simãosinho,
Orpham de pae, de mãe, sem lar, sem pão, sem vinho.
É triste a minha historia, é triste na verdade,...
Dá-me um copo de vinho... Imploro a caridade!

MAGDALENA

Co'o labio que mentiu sujaes tão santo nome.

SIMÃO PERES

Perdi-me pela patria e Deus abandonou-me!

ANTONIO

De pão, sardinhas, queijo e vinhos delicados
Deveis, senhor Simão, bons trinta e dois cruzados.

SIMÃO PERES, *tirando a espada*

D'uma zurrapa vil trinta e duas patranhas!
Por tolo é que fallaste e por tolo é que apanhas.
Judeu! Ladrão! Má sorte a vida me persiga,
Se não vou já sacar-te o vinho da barriga.

MAGDALENA, *segurando o pulso de* SIMÃO PERES

Cuidado! Que fazeis? Quem teme a vossa espada?

SIMÃO PERES, *deixando cahir a espada e soprando no pulso*

Era pedir o mesmo e ser mais delicada...!
Sinto o pulso a estalar!

MAGDALENA

Valente Simão Peres!

ANTONIO

Ouço gente... Caluda!

SIMÃO PERES, *levantando a espada*

O diabo são mulheres.

SCENA II

SIMÃO PERES, ANTONIO, MAGDALENA, BRAZ, CALCANHARES e DOIS MOÇOS

A Calcanhares vem n'uma cadeirinha muito fechada, que trazem dois moços. Braz adiante conduzindo-os. Entram por debaixo do arco

BRAZ, para os moços

Aqui.

(Approximando-se de Simão Peres)

Senhor Simão...

SIMÃO PERES

Quem vive?

BRAZ

A Calcanhares.

SIMÃO PERES, abrindo a porta da cadeirinha

É pois Vossa Belleza! A Venus dos altares
Que vem de tanta luz á choça d'um mendigo!

CALCANHARES, sahindo e a rir

É doido este Simão que falla assim commigo.

SIMÃO PERES, com muita emphase

A deusa da Belleza! A deusa da Victoria!

(Baixo, mostrando-lhe Antonio e Magdalena)

Produzem bello effeito as galas da oratoria.

CALCANHARES, baixo, apontando para ANTONIO

Tenho um louco temor d'insidias contra mim.

SIMÃO PERES

És a amante real! Dispensas o latim
Do padre e sacristão; no mais és a rainha,
Pelo menos d'El-Rei, pelo menos a minha.

CALCANHARES

Bem me ha de isso prestar, se tudo se descobre.

SIMAO PERES

Mas agora ouve cá: na bolsa não tens cobre?

CALCANHARES, rindo

O que é feito d'El-Rei?

SIMÃO PERES, para BRAZ

Tu sabes onde pára?

BRAZ

Quereis que vá chamal-o?

SIMÃO PERES

Intelligencia rara!
Vae n'um pé, volta n'outro.

(Braz, depois de ter feito um signal aos moços que sahem com a cadeirinha, entra na quinta do Conde pela porta pequena do muro)

E vós, minha senhora,
Na humilde choça entrae, tão negra se não fôra
O resplendor da luz que n'esse olhar me tenta.
Acceitaes o meu braço?

(Dá o braço á Calcanhares, conduzindo-a magestosamente até defronte de Antonio)

Antonio, cumprimenta.

(Antonio cumprimenta e Simão Peres pára novamente defronte de Magdalena)

Bonina d'este val, tens d'esta flor vergonha?

MAGDALENA

Flor da lama, que nutre um sapo de peçonha.

SIMÃO PERES, virando rapido

Invejas!...

CALCANHARES

E é tão feia!

SIMÃO PERES

E bruta.

CALCANHARES

Uma indecente.

SIMÃO PERES, á porta de casa

Uma pergunta só, não sendo impertinente:
Quantos homens amaste... assim com certo afinco?

CALCANHARES

Indiscreta pergunta!

(Rindo e confidencialmente)

El-Rei foi cento e cinco.

Aqui tens.

(Dá uma bolsa a Simão Peres)

Devagar subindo, chego aos reis.

SIMÃO PERES, com um respeito exagerado, beijando a mão da CALCANHARES

Desce um pouco depois.... Que eu seja o cento e seis

SCENA III

SIMÃO PERES, ANTONIO e MAGDALENA

MAGDALENA

Santo par!

SIMÃO PERES, mostrando a bolsa

Eis emfim!

ANTONIO, abraçando-o

Não mais vos apoquento.

SIMÃO PERES

Vou mais vinho beber que todo um regimento!

ANTONIO

Que senhora tão santa!

SIMÃO PERES

O vinho!

ANTONIO

Que belleza!

SIMÃO PERES

O vinho!

ANTONIO

Mas que porte!

SIMÃO PERES, fazendo tinir o dinheiro na bolsa

O vinho!

ANTONIO, contemplando a bolsa

E que riqueza!

SIMÃO PERES

O vinho!

ANTONIO

É para dois! Quero hoje ser dos vossos,
E encho o copo maior.
(Entra em casa)

SIMÃO PERES, para MAGDALENA

Resmungas padre-nossos
Ou pragas contra mim?

MAGDALENA

Se resmungo ou praguejo,
Que te importa, rufião, nojento percevejo?
Vae buscar teu repasto, aquenta a pança cheia
Nos revoltos lençoes d'immunda cama alheia.
Para traz, perdição, que o sangue meu se encalma!
Nas mãos tenho mais força e mais coragem n'alma
Que toda a recua vil que treme d'um chicote!
Para traz, perdição! Para traz, alcaiote!

SIMÃO PERES

Um dia has de perder o orgulho em que te abrazas;
Hei de mostrar-te a luz, has de frigir as azas.

ANTONIO, entrando com uma enorme caneca cheia de vinho

Cá vem no pucarinho o sangue bom dos velhos.

SIMÃO PERES

Que prazer é beijar os santos evangelhos!
(Bebe e passa a caneca a Antonio)
Bom vinho, sim, senhor; correu como um veludo.

MAGDALENA, para ANTONIO que está bebendo muito

Basta,... peço...

ANTONIO

Porque?
(Torna a beber)
Se elle hoje paga tudo?
(Até ao fim da scena a caneca passa de mão em mão)

MAGDALENA

D'uma abjecta cilada eu toda tremo agora.
Ao bezerro no altar curvae-vos muito embora.
É d'oiro! O diabo é deus! na sombra que dardeja
As serpentes dão mel e um gordo sapo adeja...
Mas livrae-me dos maus, sois homem, sois mais forte,
Que onde houver a deshonra, hei de encontrar a morte!

SIMÃO PERES

Palavra, fallas bem! que espanto não me fazes!
Quem foi que te ensinou tão phantasiosas phrases?
Não certo algum tratante aos urros na taberna,
Nem foi nenhum soldado a beliscar-te a perna.

ANTONIO, muito embriagado

Lembranças lá do paço.

MAGDALENA, indignada, para ANTONIO

Ouvistes?

SIMÃO PERES

Que oratoria!

ANTONIO

A mana, que Deus tenha em sua santa gloria,
Foi da Rainha mãe criada mais valida;
A pequena era um mimo ali passando a vida,
Era um Sant'Antoninho onde é que te porei,

Era a joia do paço, os amores d'El-Rei.
(Solemnemente)
A sorte n'este mundo é como um catavento.

SIMÃO PERES, applaudindo

Muito bem, muito bem!

ANTONIO, para MAGDALENA, com uma ternura avinhada

A paz do teu convento
Deixaste, pobre anginho, á morte da Rainha,
E a lida na taberna assim te poz na espinha!

SIMÃO PERES

És linda!

MAGDALENA

Que te importa?

SIMÃO PERES

E pura!

MAGDALENA

Assim me creio.

SIMÃO PERES

Fosse eu gentil donzella em vez d'um homem feio.
Vendia-me.

MAGDALENA

Ignominia!

SIMÃO PERES

Ao preço do mercado

MAGDALENA

Se eu vendo o meu pudor, tu compras um peccado;
Viste azul, compras negro, e louco me transmudas.
Agora és comprador, um dia, como Judas,
Tu venderás tambem. Cautela n'esse dia;
Quem o oiro ao crime induz co'a morte o crime expia.
(Outro tom)
Ó meu Rei, foste bom! Á pomba que adejava
Quem lhe as azas cortou? quem d'ella fez escrava?
Póde uns olhos cegar o mais subtil argueiro,
Póde esconder um astro a mão d'um carvoeiro!

SIMÃO PERES, como quem medita. Ironico

Astro occulto,... pombinha immaculada e pura!...
Amas El-Rei!

MAGDALENA

Demonio!

SIMÃO PERES

É simples conjectura.

ANTONIO

Sinto passos, caluda!

SIMÃO PERES

Apaga essa lanterna.

ANTONIO, tirando a lanterna e apagando-a

É talvez a patrulha.

SIMÃO PERES, empurrando ANTONIO e MAGDALENA

Entremos na taberna.

(Entram na taberna, cuja porta fecham. Escuridão completa)

SCENA IV

INFANTE, DUQUE DE CADAVAL,
MARQUEZ DE CASCAES, CONDE DA TORRE,
D. RODRIGO DE MENEZES,
OUTROS FIDALGOS, CRIADOS, DOIS MULATOS e depois
ANTONIO e SIMÃO PERES

Entram vagarosamente, muito embuçados.
Os dois mulatos trazem lanternas
de furta-fogo com que observam o largo e que depois apagam.

DUQUE

Ninguem.

D. RODRIGO

Vejamos sempre.

CONDE DA TORRE

Olhae, se vos parece.
Onde estou nunca ha medo.

D. RODRIGO

A noite favorece,
É negra como breu.

DUQUE

Prudencia!

CONDE DA TORRE

Demasiada,
Fatal a havemos tido.

MARQUEZ

E já vos desagrada?

CONDE DA TORRE

Decerto, que a prudencia é medo muitas vezes.

INFANTE

Conde da Torre e D. Rodrigo de Menezes,
A espada e o bom conselho em vossa união colligo.
Duque de Cadaval, meu predilecto amigo,
Folgo em ter-vos ao lado e ao Marquez de Cascaes,
O typo da honradez, leal entre os leaes.
Embora contra mim o braço do valido

Vibre um golpe cruel, junto de vós, duvido
Que a rijeza do gladio offenda um tal escudo.

(Antonio e Simão Peres apparecem á janella em frente do espectador)

D. RODRIGO

Senhor, contae comnosco.

DUQUE

O só dever, eis tudo.

MARQUEZ

Poucas palavras. Quem mais sente menos berra.

CONDE DA TORRE

Senhor, soltae depressa o grito audaz da guerra!
Que eu deite mãos á espada, e vêde que espectaculo,
Quando atirar por terra os grandes do pinaculo!
O cavallo em sanguineo e vasto mar galopa,
O sangue vae trepando, o ventre já lhe ensopa!
Que importa? Os braços meus inda não são decrepitos!
O sangue cheira bem, são musica os estrepitos!
Quando á espada possante indomito me agarro,
Mil homens são menino e o pórfido é de barro!

MARQUEZ, baixo a D. RODRIGO

«*Patarata, no mas*» diz o pasquim, e acerta.

SIMÃO PERES, baixo

A pandilha do Infante!... Ó Simãosinho, álerta!

INFANTE

Confio em vós. O amor, tão só, d'El-Rei não basta
Para a tanto mover-me. A sorte mais nefasta
Ameaça Portugal, as tradições, o povo.
É cumprindo um dever que tal empreza movo.
Ha de escutar-me El-Rei, quero exprobrar-lhe o vicio,
E ao valido soberbo o repugnante officio.
Galeoto e barregãs, o reino é d'elle e d'ellas!
E a purpura do manto arrasta nas viellas!

D. RODRIGO

Chora a esposa que abraça um marmore a seu lado.

DUQUE

Nem sempre é rocha, não, mas Icaro arrojado;
Vê-lhe as azas reveis quem vae rasgando o linho
Das vestes do pudor nas silvas do caminho.

SIMÃO PERES, baixo a ANTONIO

Este homem falla bem.

INFANTE

E então sabeis ao certo
Ser esta a nova casa?

D. RODRIGO

Esta mesma, aqui perto
Do palacio do Conde.

INFANTE

A que horas chegarão?

D. RODRIGO

Pela volta das onze.

INFANTE

Está bem. Ide então,
Preveni tudo. Quando os passos se approximem,
Vinde avisar-me aqui.

CONDE DA TORRE, mexendo muito na espada

Se os valentões esgrimem,
Temos dansa esta noite.

MARQUEZ

Aquieta a durindana.

(O Marquez, Conde da Torre e D. Rodrigo retiram-se para o fundo da scena)

DUQUE, approximando-se do INFANTE

Senhor, muito soffreis ou vosso rosto engana.

INFANTE

Na minh'alma travou-se a lucta dos affectos.
Julguei fosse um dever sustar vossos projectos
Contra El-Rei, padecesse embora o bom direito.
Fallava o coração.

DUQUE

Palavras que respeito.

SIMÃO PERES, cantarolando baixo

Coração santo!...

INFANTE

Prompto á lucta agora venho.
Ao braço amigo e forte, ao vosso ardor e engenho
O Senhor quiz emfim dar bussola segura;
Assim me dê valor ou salve da tortura
D'este horrivel punhal que na minh'alma encravo!

DUQUE

Soffrestes do valido algum recente aggravo?

INFANTE

Não. Mas alguem que soffre, e mais que todos nós,
Hontem chorou commigo, e o som da meiga voz
Robusteceu minh'alma. Inquieto, alvo brilhante
Desceu-lhe pela face, iriado e deslumbrante.
Como um ebrio sahi, que a lagrima... bebi-a.

DUQUE

Senhor, fizestes mal.

INFANTE, desculpando-se

Se minha irmã soffria!

DUQUE

Vossa irmã, dizeis vós!... Desculpem Vossa Alteza
E Sua Magestade esta minha afoiteza.

Tem no pranto da amiga a amante mil sorrisos,
Apenas adejando, inquietos, indecisos...
E o pranto é mal enxuto e o amor já nos invade.
Desculpem Vossa Alteza e Sua Magestade.

INFANTE

Duque!

DUQUE

Peço perdão. Sois como nós d'argila.

INFANTE

Seria horrenda a culpa, e tremo só de ouvil-a.

D. RODRIGO, approximando-se

Senhor, eil-o que chega. Ouvimos no jardim
Ranger o saibro.

INFANTE

Bem vamos.

SIMÃO PERES, baixo

Até que emfim!

INFANTE

Deixemol-os entrar, e logo...

CONDE DA TORRE, como quem joga as armas e cahe a fundo

Um!... Dois!... E prompto!

INFANTE

Devagar e silencio.

(Retiram-se pé ante pé para debaixo do arco)

SIMÃO PERES, saltando da janella e esperando á esquina que todos desappareçam

Eu já vos conto um conto.

(Abre-se vagarosamente a porta do jardim do Conde, e apparece Braz espreitando)

ANTONIO

Não guardareis segredo...

SIMAO PERES

Ó simples! Ó lanzudo!

ANTONIO

Pelo menos d'El-Rei...?

SIMÃO PERES

Pois não saberá tudo.

Cerra-me esse postigo.

(A um signal de Braz apparecem El-Rei e o Conde de Castel-Melhor. Antonio retira-se para o interior da casa, deixando a janella entreaberta. El-Rei traz um manto claro e uma pluma branca no chapéu)

SCENA V

SIMÃO PERES, BRAZ, EL-REI e CONDE DE CASTEL-MELHOR

SIMÃO PERES, meio occulto á esquina da taberna, desembainhando a espada

Olá, vós!

CASTEL-MELHOR

Quem nos chama?

EL-REI

Simão Peres?

SIMÃO PERES

Simão.

CASTEL-MELHOR

Cautela!

EL-REI

Temos trama.

(El-Rei e Castel-Melhor desembainham as espadas. Braz abre uma grande navalha. Approximam-se cautelosamente)

Que ha de novo?

SIMÃO PERES

Não sei, não conheci quem era,
Mas alguem vos quer mal.

CASTEL-MELHOR

Alguma nova espera!

EL-REI

Talvez gente do Infante!

CASTEL-MELHOR

E muitos?

SIMÃO PERES

Alguns vinte,
Mas de quanto se disse eu pude ser ouvinte,
Perdendo o amor á pelle.

CASTEL-MELHOR

Adiante. Que disseram?

SIMÃO PERES

Por Sua Magestade os valentões esperam.
São vinte e somos trez!

EL-REI

Tanto melhor! Mais gosto!

CASTEL-MELHOR

Senhor, tentae fugir!

EL-REI

Não! Nunca, porque aposto...
Ah! dizem que sou lezo!... Aposto...

BRAZ

Se eu pudesse!...

CASTEL-MELHOR

Quieto, maluco!... E tu, Simão, que te parece?

SIMÃO PERES

Satanaz, senhor Conde, urdiu-vos a tramoia.
Se a fuga era prudente, a solução destroe-a
A gente que nos cerca e os passos atravanca.

CASTEL-MELHOR

Foi conhecido El-Rei?

SIMÃO PERES

Chapéus de pluma branca
N'estes casos são maus, embora a noite escura.

EL-REI

Quadrilha de ladrões, cavaste a sepultura!

CASTEL-MELHOR

Se é difficil fugir...

SIMÃO PERES

Julgo-o impossivel.

CASTEL-MELHOR

Vamos,
Alguem nos póde ouvir emquanto conversâmos.

Entremos n'esta casa, escutemos á porta;
Lá veremos depois o mais que nos importa.

EL-REI

A forca dará morte a toda a vil canalha!

SIMÃO PERES

Elles talvez a nós.

BRAZ

Não, que eu trago a navalha.
(Entram em casa de Simão Peres)

SCENA VI

INFANTE, DUQUE DE CADAVAL,
MARQUEZ DE CASCAES, CONDE DA TORRE,
D. RODRIGO DE MENEZES, E OUTROS FIDALGOS

INFANTE

Innegavel agora a feia acção tornou-se.
Foi Deus, que é justo e bom, que paternal nos trouxe
Para a custo salvar um homem da voragem.

D. RODRIGO

E o Conde! A que baixeza assim presta homenagem!

CONDE DA TORRE

Ha de pagal-o caro.

MARQUEZ

Amolda-se o ministro
Aos caprichos reaes.

D. RODRIGO

Hypocrita sinistro!

MARQUEZ

Mas assim é preciso. Um rei manda absoluto,
Quebra quem se não torce. Um ministro impolluto
Seria co'um mau rei phenomeno tão raro
Que aos dentes da gallinha apenas o comparo.

DUQUE

Senhor, permittireis que eu faça uma pergunta?
E se El-Rei vos resiste? E se o ministro ajunta
Aos crimes contra nós injuria mais nefanda?

INFANTE

Um crime contra mim?

DUQUE

Tudo póde quem manda.

INFANTE

Escutae. Muita vez, jogando as armas, pude
Observar quanto Affonso é desastrado e rude;
E quantas vezes quiz e tantas desarmei-o:
Portanto não me inquieta o minimo receio.

Jogaremos á espada, e que ninguem me argua
De ter contra um irmão tirado a espada nua:
Um simples passatempo.

MARQUEZ

E se o Castel-Melhor
Se voltar contra vós?

INFANTE

Marquez, tanto peior.

D. RODRIGO

Pagará d'uma vez.

INFANTE

É comvosco.

CONDE DA TORRE

É commigo.

(Apparece á porta o Conde de Castel-Melhor embuçado na capa d'El-Rei e com o chapéu de pluma branca)

D. RODRIGO, mostrando ao Infante o Conde de Castel-Melhor

El-Rei que chega só.

INFANTE

Deixae-me, D. Rodrigo.

(Os fidalgos afastam-se, e o Infante encaminha-se para o Conde. Apparecem á janella em frente do espectador Simão Peres, Braz e El-Rei que muita cuidadosamente deixam escorregar para a rua uma escada de mão)

SCENA VII

Os mesmos, CONDE DE CASTEL-MELHOR, SIMÃO PERES, BRAZ e EL-REI

INFANTE

Alto lá!

(O Conde de Castel-Melhor pára um instante á porta, depois desembainha a espada e desce os degraus. A porta fecha-se atraz d'elle)

DUQUE, baixo ao MARQUEZ

Vamos ver o que este lhe responde.

MARQUEZ

A estatua do silencio!

DUQUE, a D. RODRIGO

Em vez d'El-Rei se o Conde
Foi quem sahiu?

D. RODRIGO

Não foi, que bem lhe vejo o manto
E a pluma do chapéu.

DUQUE

Mas cautela entretanto.

INFANTE

A espada recolhei, que mal vos não desejo.

DUQUE, *depois de um silencio*

Mudo!

CONDE DA TORRE

Embarga-lhe a voz o susto.

MARQUEZ

É que o gracejo
É pesado.

INFANTE

Senhor! Se alguma vez foi crime
Fallar verdade aos reis, Senhor e Rei, puni-me.
Não bate o coração, minh'alma não receia;
Castigae-me: confio em Deus que me premeia.
Se um rei me não percebe, ha Deus que me adivinha.
Ponde a mão na consciencia e a espada na bainha.

(O Conde de Castel-Melhor avança um passo, e põe-se em guarda)

MARQUEZ

Temos obra.

CONDE DA TORRE

Inda bem!

DUQUE

Avançam!

D. RODRIGO

Estão prestes . . .!

INFANTE

Eu lavo as minhas mãos, que vós assim quizestes.

(Batem-se, o Conde, porém, não ataca o Infante que, por seu turno, pretende apenas desarmal-o)

SIMÃO PERES, baixo

É tempo.

(Simão Peres, El-Rei e Braz descem pela escada e occultam-se á esquina)

INFANTE, tentando desarmar o CONDE

Agora...! Assim...!

DUQUE

Assusta-me a demora.

D. RODRIGO

Estremeço!

CONDE DA TORRE

Fosse eu!

INFANTE, como acima

Demonio!... Mas agora!

MARQUEZ

Tu foste buscar lã, não venhas tosquiado.

INFANTE, depois de um novo golpe

Pois inda não!

(Pára um instante e recua dois passos)

Que mestre o vosso e que cuidado
Tivestes de estudar! Fizestel-o em segredo,
Possuis um talisman ou deu-vos sciencia o medo?
Vamos a ver agora, a serio e sem recamos!

D. RODRIGO

Se perde o sangue frio estamos promptos.

INFANTE

Vamos!

Em guarda!

(Bate-se violentamente emquanto o Conde conserva a maior serenidade)

SIMÃO PERES, baixo a EL-REI

A lucta vae mais seria. Aproveitemos

A lucta ,. . . a escuridão. . .

(Atravessam cautelosamente a scena)

INFANTE

Pois bem. . . Pois nós veremos!

(Cahe a fundo, tentando ferir o Conde, que desvia o golpe)

MARQUEZ

Presumpções e agua benta. . .

EL-REI, baixo a Simão Peres, emquanto atravessa a scena

O Conde tem mais pulso.

INFANTE

Atacae vós tambem.

DUQUE

O Infante está convulso.

CONDE DA TORRE

E eu sinto um formigueiro!...

SIMÃO PERES, empurrando a janella da taberna

Entrae lá para cima;
No outro andar vos espera alguem que vos estima.

(El-Rei, Simão Peres e Braz entram para a taberna e fecham a janella)

INFANTE, fóra de si

Que a fogueira infernal, demonio, te requeime!
E agora!

(Cahe a fundo)

CASTEL-MELHOR, desviando o golpe

Pois agora!

(Desarma o Infante)

INFANTE

Acudam-me! Enganei-me!

CASTEL-MELHOR, encostando a ponta da espada ao peito do Infante

Se um te acode, villão, tu pagal-o co'a vida!

(Gritando)

Luzes! Luzes!

INFANTE

O Conde!

CASTEL-MELHOR

Eu mesmo, regicida!

(Entram Antonio, Simão Peres e Braz com lanternas)

SCENA VIII

INFANTE, DUQUE DE CADAVAL,
MARQUEZ DE CASCAES, CONDE DA TORRE,
D. RODRIGO DE MENEZES,
OUTROS FIDALGOS, CRIADOS, OS DOIS MULATOS
ANTONIO, SIMÃO PERES e BRAZ

SIMÃO PERES

Que foi?

ANTONIO

Que foi?

CASTEL-MELHOR, á luz das lanternas olhando para o INFANTE e fingindo-se admirado e confuso

Senhor!

INFANTE

O vosso crime horrendo
Na forca o pagareis.

CASTEL-MELHOR

Na cara estaes-me lendo
O espanto em que me vejo e a minha dor profunda.

INFANTE

Ha de hoje ouvir-me El-Rei, se acaso não fecunda
A raiva que me tem mais odio em vosso peito.
Perdestes honra e brio, e a Deus todo o respeito.

O ministro é corrupto, El-Rei cala e protege-o!
Verei se ha de calar-se até co'o sacrilegio.

CASTEL-MELHOR

Mal eu sahia, alguem me embarga altivo o passo;
Não lhe conheço a falla e desconheço o braço:
Quando fallou suppuz que me julgava El-Rei...
(A um gesto irritado do Infante)
Perdão, senhor Infante, eu sei que me enganei,
Porque apenas tentando um golpe que o desarme,
Então, como resposta, esse alguem quiz matar-me!

INFANTE

É mentira!

CASTEL-MELHOR

Senhor...!

CONDE DA TORRE

É digna do verdugo
A cabeça que assim repelle o nosso jugo!

DUQUE

Partâmos.

INFANTE

Não! Primeiro o insulto hei de vingal-o!
(Levantando a espada)
Amigos meus, a mim!
(Braz põe-se ao lado do Conde com a navalha aberta. Os fidalgos e criados approximam-se do Infante. Antonio quer esconder-se atraz de Simão Peres)

CONDE DA TORRE

Agora me assignalo!

(Simão Peres assustadissimo pega em Antonio por um braço e põe-o á frente)

ANTONIO, tremulo de susto

Aqui d'El-Rei, patrulha! A mim!

MARQUEZ, furioso

Com mil milhões!
No campo do dever não quero achar poltrões!

(Ergue com o braço a espada do Infante)

INFANTE, no auge da colera

Marquez!

SIMÃO PERES

Santo Marquez!

SCENA IX

Os mesmos, Um OFFICIAL e a patrulha

CASTEL-MELHOR, ao INFANTE

Embuçae-vos depressa.

O OFFICIAL

Que temos? Quem nos chama?

CASTEL-MELHOR

Um ebrio que arremeça

Aos ventos um rugido apavorado e estulto.
Entre amigos estaes.

SIMÃO PERES mostrando ANTONIO

A causa do tumulto
Este foi, mais ninguem.

(Agarra Antonio por um braço, e entrega-o a dois soldados que o levam, obedecendo ás ordens de Simão Peres)

CASTEL-MELHOR, cumprimentando o INFANTE e os fidalgos

Boas noites, senhores.

INFANTE, sahindo

Humilhação cruel!

CONDE DA TORRE

Eu vou de furtacores.

D. RODRIGO

Zombou comnosco.

DUQUE

É duro ouvil-o.

SIMÃO PERES, muito atrevido, para os fidalgos

Adeus, adeus!

MARQUEZ

Um pulso de gigante a machucar pigmeus.

(Sahem)

SCENA X

CONDE DE CASTEL-MELHOR, SIMÃO PERES,
BRAZ, PATRULHA e o OFFICIAL

CASTEL-MELHOR

Na minh'alma que é pura o lodo não põe laivos.
Tratantes d'honra, cães, traidores, atolae-vos!
O fedor da gangrena attrahe de longe os corvos!
Augures de má morte, eu não vos ponho estorvos
Á grasnada infernal co'a fome d'uns pedaços:
Mas, obreiros do diabo, hypocritas devassos,
Sabei que sobre a lama hei de fundar o imperio
Que em sonhos já tracei no vasto planispherio!
(Depois d'uma pausa)
O que vós não sonhaes, que nem sonhar sabeis.
(Para Simão Peres)
E tu que vaes fazer?

SIMÃO PERES, mostrando-lhe a casa onde ficou a CALCANHARES

Vou ser o cento e seis.

SEGUNDO ACTO

Uma sala no Paço. No primeiro plano á direita e esquerda portas, sendo aquella de communicação para o interior do paço. No segundo plano á esquerda, cortando o angulo, uma grande porta dando para uma sala de entrada. Do lado direito egualmente cortando o angulo uma grande janella. Ao fundo tres arcos, sendo o do centro maior e dando communicação, por meio de dois ou tres degraus, para uma vasta galeria envidraçada.

SCENA I

CONDE DA TORRE, PADRE NUNO,
e depois,
MARQUEZ DE CASCAES, FREI VALERIO,
FREI FERNANDO, DUQUE DO CADAVAL,
D. RODRIGO DE MENEZES,
FREI JOÃO, ANTONIO DE BELEM e o ESCRIVÃO

CONDE DA TORRE

Eu digo-vos, meu padre, o que devéras penso:
Que um diplomata, emfim, se mostre assim propenso
Para a paz, concedi; mas nós e a nossa espada
Somos d'outra opinião: reduzir tudo a nada!

PADRE NUNO

A harmonia porém...

CONDE DA TORRE

Não quero ouvir *poréns*

PADRE NUNO

Mas...

CONDE DA TORRE

Á minha opinião só quero ouvir amens.

MARQUEZ, que vinha a entrar, fazendo menção de retirar-se

Pois então vou-me embora.

PADRE NUNO

Ah, senhor...!

MARQUEZ

Padre Nuno,
Já vejo que cheguei no momento opportuno;
Livrei-vos do discurso.

CONDE DA TORRE

Eu quero só mordel-os!

PADRE NUNO

Falla como sincero.

MARQUEZ

E pelos cotovellos,
Por isso pouco acerta.

(Entram Frei Valerio e Frei Fernando)

Olá, meu Frei Valerio!
Bons dias, Frei Fernando. Ao vosso bom criterio
Espera muita luz dever o nosso Infante.

FREI VALERIO

Somos pela justiça.

PADRE NUNO

E que Deus a levante
Do marasmo em que está.

MARQUEZ, brincando

Se vejo o Santo Officio
Co'os jesuitas de accordo, ou temos maleficio,
Ou grito que é milagre.

PADRE NUNO

É Deus que assim o quer.

FREI VALERIO

No caminho do bem juntar-nos é mister.

PADRE NUNO, mostrando o DUQUE que vem atravessando a galeria acompanhado por D. RODRIGO DE MENEZES

O Duque.

DUQUE, descendo

Sua Alteza está comnosco em breve.

D. RODRIGO

Pela santa Rainha espera, como deve.

PADRE NUNO

Tão robusto advogado é certo pois teremos?

D. RODRIGO

Dizel-a contra nós seria de blasphemos.
Os males d'este reino attribulada chora,
Em dura escravidão, Rainha muito embora.
Gasta o dote na guerra e na pensão nem falla;
Se quer dar uma esmola ha de antes imploral-a;
Entre o valido e o Rei padece dura sorte:
Um despreza-a, que é fraco, outro insulta-a, que é forte.

PADRE NUNO

Raios da luz do céu, descei sobre estes paços!

CONDE DA TORRE

E a luz d'um raio os parta em trinta mil pedaços!

PADRE NUNO

Jesus!

DUQUE

O que dizeis? Sou mudo se contemplo
Quem foi tão rebaixado e dá tão santo exemplo.

D. RODRIGO

Das virtudes fallaes com que D. Pedro esmalta
Su'alma nobre e amor nos corações exalta.
Sendo Infante, negou-lhe El-Rei quatro criados,
Dos amigos que tem vê muitos desterrados,
Condestavel, pediu lhe fosse dada a gloria
Do exercito mandar e leval-o á victoria;
Negou-lh'o sempre El-Rei! Mais cala quem mais soffre.

CONDE DA TORRE

Dizem tudo, e depois não querem que eu me enxofre!

PADRE NUNO

O povo quer a paz.

D. RODRIGO

Para o seu juiz appello.
Não tarda co'o escrivão. Nosso frei João de Mello
Os deve encaminhar.

MARQUEZ

É frei João que ali vem.
Fallae no mau...

(Entram Frei João, Antonio de Belem e o Escrivão)

D. RODRIGO, indo ao encontro de ANTONIO DE BELEM

Meu caro e bom senhor Belem,
Já nos dava cuidado a prolongada ausencia.
Saude é boa, sim?

(Apresentando o Duque de Cadaval)

Este é sua excellencia
Duque de Cadaval.

DUQUE, apertando a mão de ANTONIO DE BELEM

Muito me alegro, amigo.
O juiz do povo é quasi um rei.

BELEM

Contae commigo.

(Atravessa a galeria ao fundo o Conde de Castel-Melhor que pára sobre os degraus escutando)

D. RODRIGO

Contae comnosco vós.

BELEM

Conte comnosco o Infante.

D. RODRIGO

Senhores, é mister que, juntos d'ora ávante
E n'um firme pensar, fidalgos, povo e clero,
Sempre em nós o valido encontre um juiz severo.

OS FIDALGOS

Sel-o-hemos!

OS FRADES

Nós tambem!

BELEM

E eu juro-o pelo povo!

SCENA II

Os mesmos e o CONDE DE CASTEL-MELHOR

CASTEL-MELHOR

Juraes? Então cumpri; do bem vos não demovo.
(Desce para a sala)
D'um peccado porém não me accusaes decerto.
Na minh'alma ides ler como n'um livro aberto;
Embora contra mim, o ponto mais escuro,
Contricto, manifesto, e franco me asseguro.
Quando a Rainha mãe largou das mãos o sceptro,
Mal tinha o reino exhausto a força d'um espectro.
De Montijo fallaes e d'Elvas, mas, ao cabo,
Por uns trinta hespanhoes, que deram a alma ao diabo,
Dos nossos vinte mil ficaram na campanha.
Expirava o commercio. El-Rei da Gran-Bretanha
Pediu para consorte a infanta portugueza,
E um soccorro do céu matou-nos de pobreza.
Chamou-me El-Rei depois. Ah! não me orgulha o mando.
O povo ao joven Rei, sorria, ebrio, acclamando
A primeira victoria, a seiva que fizera
Florir o velho tronco ao sol da primavera!
Agora vos confesso a culpa que me opprime...
Digo — a culpa, talvez melhor dissesse — o crime.
D'Evora o triste exemplo arma o traidor em Elvas;
A raposa manhosa occulta-se nas selvas
Onde encontra algum dia a bala que a derreia:

Eu soube da traição, mas louco desculpei-a!
A vibora no paço hoje a peçonha verte...
Balança o vento a corda, o algoz boceja inerte!
Punir era um dever, e a culpa é manifesta...
Bato agora no peito... Acrescentae mais esta.

(Entram pelo fundo a Rainha e o Infante)

SCENA III

Os MESMOS, INFANTE e RAINHA

INFANTE

Ministro, senhor Conde, acaso apresentaveis
Rasões contra o libello argutas, ponderaveis?

CASTEL-MELHOR

Sabeis, inda melhor que quantos n'esta sala
De rojo contra mim se juntam na cabala,
Que mentiram, senhor.

INFANTE

Conde!

CASTEL-MELHOR

Sim, que mentiram!
A queixa é contra mim, mas contra El-Rei conspiram!
Eu conheço o ladrar d'esses chacaes com fome,
A raiva que os assalta, a inveja que os consome.

A vibora mordaz tem na cabeça impura
Um singular remedio ao mal da mordedura.

RAINHA, descendo

Ousaes assim fallar perante uma Rainha!

CASTEL-MELHOR, reparando na RAINHA

Senhora, eu não pensei... Perdão, senhora minha!
Mas se acaso julgaes tão feio o meu delicto,
Deponho aos vossos pés os rogos meus, contricto.
A mão que tão cruel ergueis ameaçadora,
Em prova de perdão, dae-m'a a beijar, senhora.

RAINHA

Ide avisar El-Rei.

(O Conde de Castel-Melhor parece querer fallar ainda, mas, a um gesto da Rainha, cumprimenta e sahe)

SCENA IV

Os MESMOS menos o CONDE DE CASTEL-MELHOR

INFANTE, para ANTONIO DE BELEM

Quanta blasphemia um verme
Escuma contra o céu já viste, povo inerme.

MARQUEZ

Pediu perdão.

D. RODRIGO

Bem vi como pediu perdão!
Esconde um gesto humilde o fel do coração.

INFANTE

Que importa? O clero illustre e da nobreza antiga
A mais antiga e pura aqui todos colliga
O pendão da justiça. O povo é nosso agora!
Antonio de Belem, desponta a luz da aurora;
Um dia vae nascer que ha de cubrir de gloria
O teu nome immortal nas paginas da historia!
Não beija a mão real o nobre que declina,
Tu, juiz do nobre povo, oscula a mão divina.

BELEM, confuso

Eu?

INFANTE

Tu.

(Antonio de Belem ajoelha aos pés da Rainha)

RAINHA

Já, povo meu, chorei co'as tuas dores
As lagrimas de mãe.

BELEM, beijando a mão da RAINHA

Senhora!

INFANTE

Ide, senhores.

BELEM, todo empavonado para o ESCRIVÃO

Que pensaes vós do Infante e quem julgaes que eu sou?

ESCRIVÃO

Este é lobo velhaco e vós sereis o grou.

SCENA V

INFANTE e RAINHA

RAINHA, brincando

Bravo, senhor Infante! É certo e vê-se logo
Ter sido D. Rodrigo o illustre pedagogo.

INFANTE

Ao melhor conselheiro entrego o meu destino.

RAINHA, ironica

Um Machiavel burlesco, em ponto pequenino!
Co'uma nobreza tal, frades rezando as contas,
E o povo, cordeirinho inda a sonhar co'as pontas,
Não temeis affrontar, audacia que registro,
A fortuna, o talento, as iras do ministro!

INFANTE

Vida e morte do Conde estão n'um vosso gesto,
Adoro quanto amaes, quanto execraes detesto.
Hei de servir d'algoz ou d'anjo tutelar?

Depende tudo só, tão só do vosso olhar,
Que terno me premeia e duro me condemna.

RAINHA

Se eu quizesse, talvez... Mas não, não vale a pena.
Se vós soubesseis!.. Deus! Ah! quanto soffro e quanta
Ferina dôr pungente afogo na garganta!...
Um crystal scintillante illude a cotovia.
Era ditosa em França a minha patria... Um dia
Vi, como em sonho bom, miragem que deslumbra,
D'um céu todo elle azul, e eu posta na penumbra,
Um diadema real baixando sobre mim!...
Era egual o meu sonho aos sonhos d'Aladim!
Avesinha curiosa, achei,— mofina sorte!
Em vez d'um sceptro o jugo, em vez da luz a morte!
Sonhei caricias mil n'um eden mysterioso!
O aroma dos rosaes, a brisa, o sol radioso
Afagam docemente e Amor é quem governa
No ditoso paiz da primavera eterna!

(Outro tom)

Da primavera!... ah! sim!... Nem d'ella já me lembro...!
Para alguns sempre é maio e para mim dezembro!

(Segurando as mãos do Infante)

Imploro-vos, senhor... Sois bom, sois compassivo...
Abri-vos a minh'alma... Oh! dae-lhe o lenitivo!
A aurora ha de surgir que afaste o pesadelo,
E o céu da minha patria hei de tornar a vel-o!
Ó minh'alma, tem fé, saneias e remoças!

(Com muita meiguice)
Terei saudades, sim, terei saudades vossas.

INFANTE, arrebatadamente, e logo depois muito humilde

Não! Não quero!.. Perdão!.. Não posso!.. Que dissestes?
O sol então só cria a seiva dos ciprestes!
Não quero morrer, não! Não partireis! Se agora
Quereis que envolva a noite a quem sonha uma aurora,
Matae-me sem crueza. O olhar, que me embriaga,
É veneno, bem sei, veneno sem triaga...
(Quasi abraçando a Rainha)
Fixae nos olhos meus o vosso olhar dormente,
N'este sonho matae-me... assim... serenamente!

RAINHA

Um dia sabereis quão negra a sorte minha
Fez quasi um crime até meu nome de Rainha.

INFANTE

Senhora, que dizeis? Alguma vez presaga
A visão quando o foi d'um doido que divaga?
Senhora, que dizeis?

RAINHA

Fallava só commigo.

INFANTE

É premio um golpe fero, a duvida é castigo!
Á vossa phrase ambigua hei de arrancar-lhe o véu,
Que põe risos no inferno e lagrimas no céu!

RAINHA

Vãos protestos que o vento ha de levar...!

INFANTE

Senhora,
Quanto mais vos dissera, oh, quanto! se não fôra,
Quasi ao ver terra, o medo á morte nos escolhos!

RAINHA

Criança que nem sabe ao menos ler nos olhos!
(Mudando de tom)
Vamos, basta! Urge o tempo! Agora na batalha
Dalila quer entrar. Em guarda, vós, gentalha!
Em guarda, vós, El-Rei! Para servir-me, Infante,
Que fareis?

INFANTE

Quanto possa o escravo e deva o amante.

RAINHA

Não basta.

INFANTE

Em vossas mãos a minha vida entrego.

RAINHA

Não basta.

INFANTE

Mandareis. Correndo, como um cego
Irei cahir no abysmo, onde um olhar me arrasta,
Sem honra, sem vergonha, e só por vós.

RAINHA

Não basta.

Inda que mais?

INFANTE

Serei... Que mais quereis de mim?
Como Judas traidor, algoz como Caim!

RAINHA

Juraes?

INFANTE, duvidando

Jurar!...

RAINHA, rindo das duvidas do Infante e acabando por soltar uma gargalhada

Meu Deus! Que doidas phantasias!

SCENA VI

Os mesmos EL-REI e o CONDE DE CASTEL-MELHOR

EL-REI

Bons dias, Izabel.

INFANTE, baixo á RAINHA

El-Rei!

RAINHA, serenamente

Senhor, bons dias.

EL-REI, descendo

Ah! meu Pedro!...

(Baixo, em tom de brincadeira)

Parece incrivel que se afoite
Um homem como tu!... Que tal passaste a noite?

(Ironico)

Eu bem, muito obrigado.

(Alto)

O dia é lindo! Um dia
De verão, criador! Quando cheguei, quem ria?
Sinto-me hoje feliz, e quero rir tambem.
Ah!... Sim! mas é verdade!... O Antonio de Belem
Os vinte e quatro, o clero, os nobres, os magnates,
Que esperam que eu lhes ouça a arenga e os disparates!
Olha, Pedro, vae tu. Que El-Rei decerto sente,
Mas não póde attender, et cœt'ra está doente,
Doe-lhe a cabeça... Emfim arranja tu motivos.

INFANTE

As rasões que lhes der serão mais incentivos
Á queixa que hoje os traz aos pés do vosso throno.

EL-REI aborrecido

Ás vezes tenho inveja aos cães que não têem dono.
Acompanha a Rainha. E desculpae, senhora.

RAINHA

Não devo então ficar? Se eu fosse a mediadora...?

CASTEL-MELHOR

Temo as phrases do povo.

EL-REI

É justo.

(Beija a mão da Rainha e faz signal ao Infante para que a acompanhe. Á porta, o Infante cumprimenta-a, beijando-lhe a mão longamente)

(Para o Conde de Castel-Melhor)

Muito ingrato

Hei sido a esta mulher.

INFANTE, para EL-REI

Venho ao real mandato.

Que ordenaes? Eis-me aqui para o que for preciso.

EL-REI, sempre brincando

Cabecinha de vento, ordeno-te juizo.

SCENA VII

EL-REI, CONDE DE CASTEL-MELHOR.

EL-REI

É bella, é bella a vida!

CASTEL-MELHOR

É bella? Aproveitae-a.

Verão de São Martinho, o inverno é de atalaia.

O sol é bello, sim, mas sol de pouca dura;
Inda agora nasceu, já volta a noite escura.

EL-REI

Venha o todo afinal de tão subtil charada.

CASTEL-MELHOR

Na morte meditae se a vida vos agrada.

EL-REI

O tal senhor Cupido é mestre em linhas tortas
Para escrever direito. O mais — historias mortas.

CASTEL-MELHOR

De manhã, no Castello, as victimas da guerra
Souberam da cilada, e a abobada, que encerra
As vidas para a morte e a morte n'almas vivas,
Repercutiu com pasmo umas canções festivas!
É bom dormir, sonhar!... Mas o leão de Castella
Arreganha a dentuça, afia a garra e véla.

EL-REI, distrahido

Magdalena gentil, criou-te alguma fada
Do aroma d'uma flor, da luz da madrugada!
Que filtro derramou na minha a tua bôca?
Que delirio prendeu minh'alma semi-louca?
Os anjos do Senhor têem, certos d'occultar-se,
No manto do peccado o seu melhor disfarce...

Se és anjo, roga a Deus mate um remorso eterno;
Que os astros d'este céu não sejam luz do inferno!
A folha virginal co'os beijos meus enlodo-a,
E a nodoa que lhe fiz é da minh'alma a nodoa!

CASTEL-MELHOR

É dupla phantasia idear um pesadelo.

EL-REI

Nunca viste uma flor destruida pelo gêlo!

CASTEL-MELHOR

Insecto a doidejar que toda a luz careia,
O sol em pleno junho ou timida candeia!
Percorre o vosso amor o mundo sem cansaço,
Hontem n'uma taberna, antes d'hontem no paço!

EL-REI

Oh, cala-te! És cruel. Avivas co'o teu dito
A ponta d'um punhal. Sequioso do infinito,
N'uma gota d'orvalho ao menos molhe os labios.
Não cuidei dar-te ensejo aos teus conselhos sabios.

CASTEL-MELHOR

Sonhaes! E eu que sustenha as iras da enxurrada,
Em breve iroso mar de plebe revoltada!

EL-REI

Tu mentes-me talvez e sinto um medo insano.

CASTEL-MELHOR

Errastes no caminho e vejo o vosso engano.

EL-REI

Um receio sem causa o peito me comprime.
Minh'alma é sem valor, e dobra como um vime,
No surdo temporal, ao vento imaginario.
Na sombra que me envolve, o pensamento vario
Conduz-me ao fundo abysmo em taes desassocegos,
Como, em lobrego céu, revoadas de morcegos.

CASTEL-MELHOR

Bom conselho vos brada o desprezado instincto.
Inda antes que o punhal de sangue bom retinto
Suje a mão do traidor, castigue-se a traição.
O traidor está perto e já levanta a mão!
(Outro tom)
Quereis que mande entrar nobreza, povo e clero?

EL-REI

Sim, manda.
(O Conde de Castel-Melhor encaminha-se para a porta)
Antes porém... Has de informar-te... Quero
Inda hoje conhecer ao certo o paradeiro
Do tutor da pequena, o Antonio taberneiro.

CASTEL-MELHOR

No céu talvez, talvez no inferno. Pouca sorte!
N'uma só cutilada encontrou logo a morte.

EL-REI

Quem mandou?... Foi Simão?

CASTEL-MELHOR, ironico

Vosso melhor amigo.

EL-REI

Por alma d'esse morto, ante o Senhor me obrigo,
Em desconto de tal e d'outras injustiças,
A já mandar dizer mil e duzentas missas.

CASTEL-MELHOR, ironico

Com tal reparação já dormireis tranquillo.
(Outro tom)
Meu senhor, acordae, que eu mesmo já vacillo.
Lavae de tanto lodo a minha fronte agora!
Entre o povo a traição já da calumnia arvora
A bandeira que o diabo urdiu n'este solar!

EL-REI

Talvez tenhas rasão. Pois bem, pois manda entrar.
(O Conde de Castel-Melhor vae ao fundo e faz signal para que entrem. El-Rei senta-se, aborrecido)

SCENA VIII

EL REI, CONDE DE CASTEL-MELHOR,
INFANTE, DUQUE DE CADAVAL,
MARQUEZ DE CASCAES, CONDE DA TORRE,
D. RODRIGO DE MENEZES, PADRE NUNO,
FREI VALERIO, FREI FERNANDO, FREI JOÃO,
ANTONIO DE BELEM, O ESCRIVÃO,
FIDALGOS, FRADES e membros da casa dos Vinte e Quatro

EL-REI, para o INFANTE

Que pretendeis?

INFANTE

Queixar-me.

EL-REI

O vosso aggravo exponde.

INFANTE

Em nome da nação venho accusar o Conde,
Ministro vosso indigno e que a nação rejeita,
Mas que audaz se proclama a vossa mão direita,
Da vontade real á sua vos ter presa
E criar tanta força á custa da fraqueza.

EL-REI

Destemido fallaes, porém tão vagamente
Que a fórma de accusar a accusação desmente.

PADRE NUNO

Senhor!

EL-REI

Agora vós?

PADRE NUNO

Se tanto permittis.

EL-REI

Fallae.

PADRE NUNO

Senhor, sou padre. Um juramento fiz,
Perante Deus, solemne, e saberei cumpril-o.
Nunca soube mentir e vivo assim tranquillo.
Senhor Rei, tomae tento; alguem vos lisongeia,
Que a rasão vos perverte e os braços vos enleia.
Se é rude a minha voz, podeis, senhor, punir-me,
Mas tenho que fallar, desassombrado e firme.
Sempre n'um Rei são crime as sympathias loucas.

EL-REI

Fadario triste o meu de ouvir palavras occas!
(Para Antonio de Belem)
Porém que diz o povo?

BELEM

O povo?—que a mortalha
Ao reino preparaes.

EL-REI

Mentiste vil migalha,
Que o povo não diz tal. Deixei-vos solta a redea,
Voltae-vos contra mim, bufões de vil comedia!
No vosso rosto audaz devia pôr o stigma
Da calumnia que urdis em desastrado enigma.
Não quero; ouvi dizer a alguem de muita sciencia
Que até co'uma traição se deve usar clemencia.

D. RODRIGO

De clemencia fallaes! Quem lucra esse favor?
Atraz de vós se esconde o pallido traidor.
Clemencia para quem? Justiça é que pedimos!
Por ella tão sómente aos pés do throno vimos.
O crime que nos doe foi contra o sangue regio;
Deveis, real senhor, punir o sacrilegio.

EL-REI

Um crime!

TODOS

Sim.

EL-REI

Dizei.

D. RODRIGO

Fallae, senhor Infante.

INFANTE

Affirmo que é verdade, e julgo ser bastante
A minha affirmação. Contra o meu peito a espada
Alguem vibrou, pilhante em perfida emboscada.
Pelo justo castigo El-Rei só me responde.

EL-REI

Quem foi?

INFANTE

Deveis sabel-o.

EL-REI, ironico

O Conde?

INFANTE

Sim.

TODOS

O Conde!

EL-REI

Esqueceis que fallaes co'El-Rei de Portugal!
Provas!

D. RODRIGO

D. Pedro affirma, eis a prova legal.

EL-REI

Se zumbiste demais, torpe enxame perjuro,
A calumnia damnosa, ideada no monturo,
É que olhaste, cobarde, á espada que eu não tinha!

INFANTE, tirando a espada

Senhor, aqui deponho aos vossos pés a minha.
Se é contra mim, tomae; sujeito-me tranquillo:
Se não, quem vos molesta? Eu mesmo irei punil-o.

EL-REI

Ah! cala-te, que eu sinto arfar-me o sangue em ondas!
Depressa, foge, irmão, procura onde te escondas!
(Para os fidalgos)
Fidalgos santarrões, vossa nobreza annulo;
Furaes, lacaios vis, o hypocrita casulo!
(Para os padres)
A lingua que Jesus á missa vos cobríra,
Lambeu, rasteira e porca, a lama da mentira!
(Para Antonio de Belem)
E aquelle bobo audaz que rosna e não me julga
Capaz de o esborrachar nos dedos como a pulga!
(Lançando mão d'um chicote que tem sobre a mesa)
Quando eu quizer tocar-te, ó raça d'Iscariote,
Não deshonro uma espada e basta-me um chicote!
Atraz!

POVO, fóra

Á morte!... Á morte!

EL-REI, suspendendo-se

O povo!

POVO, fóra

O Conde!... Morra!

EL-REI

Matastes a paciencia!... Abristes a masmorra!

DUQUE

Todos pedem justiça!

D. RODRIGO

O leão sacode a juba!

POVO, fóra

O Infante!

EL-REI

Fraco leão que uma só voz derruba.

(Correndo para a janella)

Fogo!

CASTEL-MELHOR, sustendo-o

Ouvi-me, senhor!

POVO, fóra

O Infante!... O Infante!

EL-REI

Fogo!

D. RODRIGO, para o INFANTE

Quer ver-vos o bom povo.

CASTEL-MELHOR

Está bem claro o jogo!

(Para o Infante que se encaminha para a janella)

Alto!

POVO, fóra

Á morte o assassino! Á morte!

D. RODRIGO

É já crueza!

O povo teme um crime e chama Vossa Alteza!

(Corre para a janella levando o Infante. Acompanham-o Antonio de Belem, o Escrivão, gente da casa dos Vinte e Quatro e alguns fidalgos)

CASTEL-MELHOR

O demonio á calumnia empresta as negras azas!

POVO, fóra

Viva o Infante!

EL-REI

Cuidado, ó povo, que me abrazas

Na colera cruel! Á morte esse tratante!

(Corre para a janella)

CASTEL-MELHOR, tentando sustel-o

Senhor!

EL-REI

Deixa-me!

CASTEL-MELHOR, á janella com El-Rei

Viva El-Rei!

BELEM

Não! Viva o Infante!

POVO, fóra

Viva!

INFANTE, descendo

Até que afinal o reino despertou!

(Vae pouco a pouco serenando fóra o tumulto)

CONDE DA TORRE

Pudesse eu ver-me só, para mostrar quem sou!

EL-REI, sobre os degraus com o Conde de Castel-Melhor

Armastes a traição, ficastes na armadilha.
Já te conheço agora, estupida pandilha!
A vergonha soffrida em colera trasborda!
Hei de ver-te enforcada a estrebuxar na corda!
O povo, a quem mentiste, o povo, a quem tu pagas,
Sem rubor, contra mim correu soltando pragas!
Bem caro o vae pagar, que o diabo é fraco amigo!
Novas minhas terás!...Tu, Conde, vem commigo.

(Sahe precipitadamente com o Conde de Castel-Melhor)

BELEM

Se d'esta inda escapar, lá n'outra é que eu não caio.

MARQUEZ

Pateta, que amedronta uma trovoada em maio!

SCENA IX

INFANTE, DUQUE DE CADAVAL,
MARQUEZ DE CASCAES, CONDE DA TORRE,
D. RODRIGO DE MENEZES, PADRE NUNO,
FREI VALERIO, FREI FERNANDO, FREI JOÃO,
ANTONIO DE BELEM, o ESCRIVÃO,
Fidalgos, Frades, membros da casa dos Vinte e Quatro
e RAINHA

RAINHA, entrando, cheia de colera

Contra o paço em que habito, o caso d'hoje é novo!
A tanto um Rei desceu, que tanto sóbe o povo!
Plebe orgulhosa, o arrojo é de lembrar! Ousaste,
Levada da soberba, á minha oppor contraste!
Um dia, todos vós ao sceptro domarei..!

INFANTE, interrompendo-a

Calae-vos..!

RAINHA, continuando

Quando eu for... Rainha...

(Baixo ao Infante, a quem conduz para longe de todos)

e vós... El-Rei!

TERCEIRO ACTO

Os quartos d'El-Rei. Á esquerda baixa, uma porta communicando com o interior do palacio. Á esquerda alta, um biombo. Ao fundo, uma janela. Á direita alta, uma porta que se suppõe communicar com salas exteriores. Á direita baixa, a porta dos aposentos da Rainha. Entre estas, dissimulada com as tapeçarias, uma porta secreta. No primeiro plano, á esquerda, um estrado com almofadas. Ao centro, uma grande mesa. Cadeiras, poltronas, etc. É noite.

SCENA I

CONDE DE CASTEL-MELHOR
e ANTONIO DE MACEDO

MACEDO

Eu ministro! Estou velho e tudo me faz medo.

CASTEL-MELHOR

Quem se não vós, senhor Antonio de Macedo,
Quem deve El-Rei chamar?

MACEDO

Contaes pois como certa
A vossa quéda? El-Rei tem-vos amor, desperta
Talvez a um grito vosso. É bom tentar.

CASTEL-MELHOR

Não quero;
Demais o sacudi, portanto desespero.
Que durma.

MACEDO

E toda a tropa em armas no Terreiro,
A armada recolhida, inquieto o reino inteiro!

CASTEL-MELHOR

Sua Alteza assim quiz. E moe-se com perguntas!
Nunca vi beatice e tanta audacia juntas!

MACEDO

As iras d'El-Rei são trovões de primavera.

CASTEL-MELHOR

Berros, ameaças vãs, bem pouco desaltera
Aquell'alma infantil. Ha dias co'o verdugo
Toda a corte ameaçou, quiz submettel-a ao jugo;
Duas horas depois El-Rei já perdoara!...

MACEDO

Amparando um traidor a patria desampara.

CASTEL-MELHOR

...E fallava no dote, a esmola derradeira,
Que a amante lhe pediu para metter-se freira!
Uma criança!

MACEDO

Sim, mas a quem é preciso
Cada dia o brinquedo ornar com novo guiso.
Para isso é que estou velho e, Conde, já não posso.
É preciso valor, um genio como o vosso,
Malleavel e tenaz, para levar a bem
Quem foi grosseiro e duro até co'a propria mãe,
E, embora entrem na carne as pontas d'um cilicio,
Acatar-lhe a vaidade e proteger-lhe o vicio.

CASTEL-MELHOR

Se para um santo fim emprego os meus esforços,
Deus não me ha de punir com turbidos remorsos.
A guerra com Castella é digna da epopéa!
Ás queixas d'um cobarde opponho a minha idéa.
Pedem alguns a paz, humildes, de mãos postas..!
As duras condições serão por nós impostas.
Ha de assignar-se a paz só quando Portugal
Com jus pudér cantar um hymno triumphal.

(Outro tom)

E quanto desejei, qual sonho se evapora,
Ha de morrer, meu Deus! ao ver a luz da aurora!

MACEDO

Que potente adversario o sonho vos debella?

CASTEL-MELHOR

Nem o Infante, nem mil sequazes, nem Castella,
Para oppôr-se nenhum seria assaz potente,
Se eu quizesse, nenhum!
(Confidencialmente)
Tremo d'ella sómente.

MACEDO

D'ella..?

CASTEL-MELHOR

Sim, da Rainha.

MACEDO

Ouvi dizer...

CASTEL-MELHOR

Bem sei,
Que eram pombos rolando a franceza co'El-Rei.
Se vós soubesseis com que idéa viperina
Aquelle olhar perturba, aquella voz domina!
Nas trevas caminhando, occulta-se e atraiçoa,
Serena como cisne em limpida lagoa.
Sphinge que me devora, a França que interprete,
Auctora da palavra, o enigma da *coquette,*

Que nunca ouvi dizer que, em sordidos arranjos,
Para armar á doninha os sapos vistam d'anjos.
Ah! pobre D. Affonso, eu vejo em que mysterio
Se servem contra ti... do incesto e do adulterio!

(Gesto de surpreza de Antonio de Macedo)

N'essa noite maldita em que, imprudente, estulto,
Não julguei que ao perdão me respondesse o insulto,
Contou-me este segredo, ao cheiro d'uns cruzados,
Um d'esses vis rufiões a intrigas costumados.
Ó Portugal! Ó patria escrava sem remedio,
Acompanham, zombando, o funebre epicedio
A viola d'um galan, d'um bobo a guisalhada!
Ó patria minha és morta!... Ó patria minha amada!

SCENA II

Os MESMOS, EL-REI e BRAZ

EL-REI, entrando cabisbaixo

Encontro juntos dois amigos innegaveis.
Caso é de parabens.

MACEDO e CASTEL-MELHOR

Senhor!

EL-REI

De quem fallaveis?

MACEDO

Senhor, de vós.

EL-REI

Com magua?

MACEDO

É certo.

EL-REI

Ha quantos dias
Vem-me o somno escoltar crueis visões sombrias!
Range uma trave, ou geme o vento, ou meche a sombra,
Logo medonho espectro agita-se e me assombra!
Deixa-me vivo o sonho! O medo que me chumba
No meu leito de dor pudesse abrir-me a tumba!
O espectro fosse a morte, e a morte me salvasse!
O suor que me escorre é gêlo pela face,
E sinto abrir-me o peito a garra d'um abutre
Buscando o coração de que feroz se nutre.
Se das noites fataes, horrificas, me lembro,
Agora se me erriça o pello em cada membro.

CASTEL-MELHOR

Um soldado leal vigia de alabarda,
A cada porta, dia e noite, em vossa guarda.
Nada temaes portanto.

EL-REI

É certo, és cuidadoso;
Pudesse em teu cuidado achar o meu repouso.
Fóra o culpado ar bom respira á farta, e gosa,
Mata-me aqui de tedio esta prisão medrosa.

CASTEL-MELHOR

Pois dae-me então, senhor, a força que não tenho,
Se tão mal descansaes no meu rendido engenho.

EL-REI

Força não, que és humano, e ao cabo dos esforços,
Pódes, em vez da paz, trazeres-me remorsos.
Outras armas escolhe, e nunca a força, não,
Que antes um Rei perdoe do que puna um irmão.

CASTEL-MELHOR

Só calam taes razões nos animos cobardes.

EL-REI

Tu, que és meu velho amigo, ó Conde, não retardes
O somno por que anceio, em braços que me fogem.
Roubem-me o throno até, de tudo me despojem,
Mas deixem-me o descanso, a posse derradeira,
Que ao menos tinha Job nas palhas da estrumeira.
A Rainha, sabeis, ha muito que me implora;
Passa os dias chorando e toda a noite chora
No seu leito sósinha.—«A paz ali te aguarda»,

Segreda-me baixinho o anjo da minha guarda.
Se no lar da familia encontra um vil cigano
Na opulencia do amor á fome um doce engano,
Hei de achar, eu que sou todo amizade e indulto,
D'um lado só traições e d'outro um odio estulto?
Bem vês, Conde, não devo acreditar em tal.

(Mostrando um cofre que Braz tem nas mãos)

Vês este bello cofre? É d'oiro e de cristal.
Vou sondar aquell'alma e vão servir de sonda
As perolas d'Ophir, as gemmas de Golconda.
E que hoje, emfim rendida ao terno desaggravo,
Izabel me perdoe, me queira humilde escravo.

CASTEL-MELHOR

Hoje?

EL-REI

Sim, hoje mesmo.

CASTEL-MELHOR

Aqui?

EL-REI

Sim.

CASTEL-MELHOR, fazendo menção de retirar-se

Mas então...

EL-REI

Espera.

CASTEL-MELHOR

Senhor, vêde...

EL-REI

O acaso tem razão
E a todos nos juntou. Façamos breve as treguas;
As offensas perdôo e quantas fiz renego-as.
Sejam todos assim.

(Outro tom)

Braz! Os cães?..

BRAZ

O Barbaças
Desde hontem vae peior e a Diana tem carraças.
Os mais bons... Obrigado.

EL-REI, brincando

Ora inda bem, meu filho,
Digno pae dos meus cães. Vamos partir. Ao brilho
Do alto sol que deslumbra, á luz que me embriaga,
Vereis como depressa um odio ali se apaga,
Como a tristeza foge e longe se desterra,
Quando juntos correndo um gamo em Salvaterra!
Ah! meu Braz, que ventura e que saudades tenho!

CASTEL-MELHOR

Pois muitas lá tereis.

EL-REI

É certo, sim, convenho;
Hei de ter muitas, sim.

CASTEL-MELHOR

De quem fallaes?

EL-REI

De quem?
Desgraçada pergunta ou muita graça tem!
De quem hei de eu fallar, ó Magdalena minha!

CASTEL-MELHOR

Voluvel borboleta! Amante da Rainha
E d'uma taberneira! O caso é de comedia.

EL REI

Pois em lances de riso a que inventaste excede-a.

CASTEL-MELHOR, severo

É crime até sonhar, sonhar digo sómente,
Co'a filha do Senhor, a pobre penitente.

EL-REI

Quero vel-a uma vez co'as vestes de noviça
E sobre mim baixando o olhar que me enfeitiça,

Branca e pura, tão branca e pura como a imagem,
A quem presto no altar a mystica homenagem.

(Entra a Rainha, que fica escutando)

Quizera respirar os teus perfumes doces,
Beber mel em teu labio, e que um só dia fosses
O sol da minha vida, ó luz deslumbradora!

SCENA III

Os mesmos e a RAINHA

RAINHA, descendo

Não fallaveis de mim.

EL-REI

Então de quem, senhora?

RAINHA

Pensava achar-vos só.

EL-REI

Perdão se tenho ao lado
Tres amigos leaes.

RAINHA

Ninguem vos deu recado
Da minha vinda á noite aos vossos aposentos?

EL-REI

Aguardei, como um noivo ancioso, estes momentos.

RAINHA

Obrigada. Temia achar-vos mal disposto;
Em duvida julguei que alguem tivesse posto
O direito da esposa, a obrigação da escrava.

EL-REI

O direito sómente, escravo eu, que implorava
Aos anjos este dia, e a vós... que fosseis anjo.

(Para Antonio de Macedo e Conde de Castel-Melhor)

Senhores, boa noite.

MACEDO, sahindo, baixo ao CONDE DE CASTEL-MELHOR

Eu todo me confranjo!
Pobre Rei!

CASTEL-MELHOR

Sim, bem pobre.

EL-REI, baixo ao CONDE DE CASTEL-MELHOR

Espera-me ali fora;
E tu, meu Braz, tambem. Segue-se á noite a aurora.

CASTEL-MELHOR

Cuidado não vos seja então fatal o dia.

SCENA IV

EL-REI e RAINHA

RAINHA

Que disse o Conde? Vinha em busca da alegria
Que, ha muito, me fugiu. Que disse o Conde? Alguma
Razão que vos afaste, alguma queixa em summa.
Vivo tão triste e só!

EL-REI, admirado

Tão triste e só?

RAINHA

Quizera
Ter-vos ao pé de mim... Perdão!.. Fui tão sincera
Que sinto a confissão ruborisar-me a face.

EL-REI, galanteando

Que prazer se no sonho a vida me faltasse!
Mandae-me como a negro, e de servir-vos paga
Servir-vos é bastante. Emquanto á dor que apaga
Em vosso labio o riso, eu, juro, a domarei
Junto a vós como escravo e aos outros como rei.

RAINHA

É triste a nossa côrte. Os homens, uns tyrannos,
Vestem de negro como hereges puritanos

E mettem medo á gente; as damas que me destes
São-me d'este sepulchro os lugubres ciprestes:
Peço um carinho, um riso, uma palavra apenas,
Mas é tudo peccado o que não for novenas!
Ás vezes, na varanda, ás horas do sol posto,
Saudosa, peço á noite um balsamo ao desgosto...
Ironia cruel! Como remedio á dor
Tenho apenas o vento a uivar no corredor;
E, como é longa a noite e a treva me enregela,
Busco a luz da manhã nas fisgas da janella.
De dia quero a noite, irmã d'esta agonia,
E passo a noite immensa a desejar o dia!

EL-REI

Se me ouvisseis queixar-me! Ai! como vos entendo!

RAINHA

Que vida a minha! Pouco a pouco vou morrendo
Na solidão, de tedio.

EL-REI

É lindo o outomno; vamos,
Se quereis, dentro em breve, a uma caçada aos gamos,
Em busca d'outra luz melhor e d'outros ares.

RAINHA

Oh! não me percebeis! Tão longe, aos meus pezares
Porque hei de em vão buscar doloso lenitivo?

Vivamos juntos, sim? Affonso, que revivo,
Co'uma palavra só que aos labios vos assome!

EL-REI

Nunca assim me fallaes!

RAINHA, como envergonhada

A dor que me consome
Obriga-me a dizer...

EL-REI

Oh! não! não me resigno
Ao triste despertar! Sabeis que não sou digno
D'um vosso olhar siquer. Já nada em mim se encobre...
Avaro nunca fui, sou tão sómente um pobre!...
Que desejaes de mim?

RAINHA

Amor!

EL-REI

Amor!

(Cahe desanimado sobre o estrado, escondendo a cabeça entre as mãos. A Rainha, olha para elle com um gesto de desprezo, depois approxima-se, senta-se ao seu lado e falla-lhe com maliciosa meiguice, mostrando apenas no gesto, quando El-Rei a não observa, quanta repugnancia El-Rei lhe inspira)

RAINHA

Ouvi-me.
Sob o peso vergaes d'algum medonho crime?
Porque viveis tão só? De mim sempre tão longe?
Não nasci para freira e vós não sois um monge.
Eu nunca tinha amado até que um dia, ao ver-vos,
Senti não sei que filtro a arder-me pelos nervos!
É minh'alma um deserto, areal inculto e raso;
Mate a gota d'orvalho o fogo em que me abraso.
Quem vosso amor me rouba? A tanto quem se atreve?
Se, estimulo cruel, mentis fingindo a neve,
Findae co'o vosso ardil, ao menos por instantes,
Que as mortas no caixão não podem ser amantes.
Dae-me a beber d'amor o nectar que transporta!...
Vereis um céu na terra, onde a voss'alma aporta,
Vereis como d'amor milagres são tão faceis!...
Verieis, não vereis... Verieis,... se me amasseis.

EL-REI, erguendo-se pouco a pouco

Izabel!... Se eu te amasse! O amor, em que não fallo
E que me roe feroz, pudesse eu comproval-o,
Fundindo, como neve ao resplendor solar,
O gelo d'este corpo ao lume d'esse olhar!

RAINHA

Vosso irmão, vossa esposa e quem mais vos adora
Vivem na escura noite a que os votaes agora.

EL-REI

Dás credito á calumnia!

RAINHA

O paço é todo armado
Contra a familia vossa.

EL-REI

Oh! cala-te!

RAINHA, muito meiga

A meu lado
Não procuraes conchego. Ensinae pois os termos
Á minha prece humilde. Era tão bom vivermos,
Amigos, irmão, vossa esposa, todos nós,
Juntos no mesmo amor!... Amor!... E eu junto a vós!

EL-REI

Sim, ó minha Izabel!

RAINHA

Affonso!

EL-REI

Ó doce abrigo,
Dormirei no teu peito e sonharei comtigo!
Mas não me acordes, não?

RAINHA

Sim, co'os meus beijos!

EL-REI

Mentes!
E era tão doce esmola ouvir o que não sentes!
Mas vejo-te ao meu lado e vejo arfar-te o seio!...
Ardo em febre!... Olha... A testa escalda!... E não te creio!
Não creio ao proprio Deus, se Deus vier e disser-me
Que uma estrella do céu se enamorou d'um verme!
Falla, minha Izabel! Afasta a noite crua,
Que sinto erguer-se a luz n'est'alma que é já tua!
Falla, falla,... Izabel!

RAINHA

Ninguem de mim te aparte,
E venha, genio mau, do trilho bom roubar-te.
Expulsa d'esta casa esse homem que me odeia...
Transforma em oiro santo os élos da cadeia!

EL-REI

Imploro o teu perdão. Que mal te fez o Conde?

RAINHA

Nascêra, ha pouco, o sol, e em nuvens já se esconde!
Sorte minha, paciencia! Assim respondes logo
Á minha phrase amante, ao meu sentido rogo!

EL-REI

És minha idéa fixa e facil é provar-t'o,
Que mais estás em mim quando de ti me aparto.

(Offerecendo-lhe o cofre)

Olha, Izabel. Perdão se a minha offerta é pobre,
De miseria é signal, peior miseria encobre.
Mas Deus acceita os dons ao peccador infame,
Deixa então que em teu collo as perolas derrame;
Pudeste n'um olhar abrir-me o paraizo,
Mas eu que posso dar-te em troca d'um sorriso?

RAINHA, contemplando o cofre

Eu fui quem se illudiu, já vejo que me adoras!
Brilha n'este diadema a luz de mil auroras,
A luz do nosso amor, do amor a que subiste!

(Brincando)

Mas vê que differença entre nós dois existe:
Sabes tu, bem demais, os trilhos mais secretos
Dos frageis corações vaidosos, irrequietos...
O enigma da tu'alma assim lel-o eu pudesse,
E saberia então dar força á minha prece,
N'um beijo me vingar de quanto em vão te amei,
Submetter-te, e depois... acclamar-te meu Rei!

EL-REI

Fugi, receios vãos, visões d'algoz protervo!
Eis o amante, mulher! Rainha, eis o teu servo!

RAINHA

Se o jurasses!... Meu servo!

EL-REI

Ah! fosse Deus sensivel
Aos meus rogos, e então quizesses... o impossivel!

RAINHA

Nos combates d'amor de ha muito é conhecido
Que já quasi venceu quem se mostrou vencido.

EL-REI

Que ordenas?

RAINHA

Já t'o disse.

EL-REI

O Conde..?
(A um gesto affirmativo da Rainha)
Ali me espera.

RAINHA

Bem como á preza imbelle aguarda uma panthera.
(Muito meiga)
Estas ancias crueis destroe, que me consomem...
É grato ver submisso aos nossos pés um homem.

EL-REI, exaltando-se

Dispõe da minha vida, afoga-me em teus braços,
E que o meu peito a arfar se quebre em mil pedaços!

Esmaga-me aos teus pés, abraza-me ao teu lume,
Dê-me a febre mortal teu magico perfume,
E deixa-me depois no inferno em que me mettes,
Mas dá-me uma hora só, tão só, das que promettes!

RAINHA

Como eu te adoro assim!

EL-REI

É findo o meu tormento!

RAINHA

Hoje...?

EL-REI

Sim.

RAINHA

Hoje mesmo?

EL-REI, dando um passo na direcção da porta

Agora!

RAINHA, retendo-o

Um só momento.

(Deitando os braços ao pescoço d'El-Rei)

E logo, como paga ao teu diadema, arranca
Da minha fronte honesta uma grinalda branca.

Desfolha-a porque é tua, e cada flor, voando,
Te contará baixinho o que eu calava quando
Dos teus olhos crueis desviava os olhos meus.
Como eu te adoro!

(Approxima os labios dos labios d'El-Rei e beija-os longamente)

Adeus!

(Afasta-se)

EL-REI, depois d'um silencio, como acordando

Minha Izabel!

RAINHA, á porta, atirando a EL-REI um beijo com a ponta dos dedos

Adeus!

(Sahe. El-Rei passa a mão pela testa, como se acordasse d'um sonho, depois, recordando-se da promessa feita á Rainha, vae á porta do fundo, e chama)

EL-REI

Conde! Braz!

SCENA V

EL-REI, CONDE DE CASTEL-MELHOR e BRAZ

EL-REI, n'uma grande alegria

Sinto n'alma um balsamo celeste!

CASTEL-MELHOR, como conclusão da phrase d'EL-REI

Deixei de ser ministro.

EL-REI, admirado

Ah!... Sim. Como o soubeste?
Adivinhas? Ouviste?

CASTEL-MELHOR

Era fatal.

EL-REI, desculpando-se

Submerso
Em duvidas morria.

CASTEL-MELHOR, ironico

Agora é bem diverso.
Fugi, duvidas, que, ante a multidão que pasma,
Vae despir a Verdade as roupas de fantasma!
(Dominando-se)
Senhor, peço perdão.

EL-REI

Não te percebo.

CASTEL-MELHOR

É triste
Que veja um somno aluir quem só por elle existe!
E mais triste é tomar como esplendor ethereo
A luz das podridões no chão d'um cemiterio!

EL-REI

Repito: não percebo.

CASTEL-MELHOR

Ah! demais sei que nunca
Vos doeu n'essa carne unha de tigre adunca!
Mas eu, que sinto em mim o sopro de Deus Padre,
Só tendo em mente a patria e gloria que lhe quadre,
Contra a fera a rugir das pedras fiz soldados,
Em lanças mil forjando o ferro dos arados.
Era o paiz pequeno; impavido o meu cantico,
Voando sobre o mar, foge aos confins do Atlantico,
E o imperio, que era vosso e que morria exhausto,
Resurge á minha voz e vê do sol o fausto

EL-REI, sombriamente

Mais vale a paz interna.

CASTEL-MELHOR, exaltando-se

E inda mais vale a morte,
A paz sem fim. Quereis que nada vos importe?
Morrei. Mas se n'ess'alma inda um vislumbre resta
De razão que vê claro e d'honra que protesta,
Vos lembre quanta vez, em dias de revezes,
Espumando no enxurro o crime envolto em fezes,
Vinheis pedir, humilde e tremulo de susto,
Que arriba vos erguesse o braço meu robusto.

EL-REI

Conde! Conde!

CASTEL-MELHOR

Escutae. Nada de vós impetro.

Eu fiz da minha lama o oiro do vosso sceptro,
E da minha deshonra eu fiz a vossa gloria. . . .
(Com ironia)
Julgaes inda mandar-me, aventesma irrisoria!

EL-REI, cheio de colera

Como fallas vê lá, que sou Rei por emquanto.

CASTEL-MELHOR, no auge da exaltação

Não sois Rei para mim! Ungido d'oleo santo,
Se o fostes algum dia, o que o diabo contesta,
De rastos pelo chão raspastel-o da testa,
Quando imploraveis, louco e em sordida lamuria,
O altar onde se erguia o espectro da Luxuria.
Ah, Rei! Pensaes talvez que a vossa força é vossa!
Ides ver que matilha agora vos acossa,
Como um manto real se rasga em mil farrapos,
E que dente damnado ha de roer-lhe os trapos!
Quem vosso olhar embruxa e a vossa mente enerva,
Que assim olhaes sorrindo á perfida caterva?
Que droga vos transmuta. . . oh! louco desarranjo!
Um covil n'um solar e Satanaz n'um anjo?
Em musica divina o triste cantochão
D'um martello pregando as tábuas d'um caixão?
A peçonha n'um beijo? o abysmo n'um regaço?
O algoz em tanto amigo e a corda em tanto abraço?
Acalentae no seio a peçonhenta cobra,
Vereis como desperta e brava se desdobra.

É justo, é bem,... deixal-o! é de molde o castigo,
Que antes mordestes vós a minha mão d'amigo.
Nada entendeis!... Sois vario e cego como a plebe!
(Apontando para os quartos da Rainha)
Hi fóra alguem talvez me escuta que percebe.
Como um ebrio dormis junto aos degraus do throno,
Que importa se alguem sóbe e não vos tira o somno?
Que importa se vos pisa, esmaga, suja e mata,
Se os males d'esta vida um sonho bom resgata?
Que officio tão glorioso achastes vós por fim!
Sois capacho dos mais!... Não sois Rei para mim!

EL-REI, desvairado

Conde, perdôa!... Amigo, eu morro aqui de medo!
Oh! salva-me!... Revella esse fatal segredo!

CASTEL-MELHOR, com desprezo

Quando a patria requer o esforço d'um athleta
Que lhe quebre os grilhões que, infame, inda acarreta,
El-Rei tem medo! O abysmo espera-vos! É tarde
Para incutir valor n'esse animo cobarde.

EL-REI, implorando

Conde!

CASTEL-MELHOR

Já nada posso!... Adeus, senhor.

EL-REI, succumbido

Adeus!

(Estende a mão ao Conde de Castel-Melhor, que lh'a beija commovido e depois se dirige lentamente para a porta)

(Chamando o Conde)

Castel-Melhor!

CASTEL-MELHOR, correndo para EL-REI que lhe cahe nos braços

Ah! pobre infeliz Rei!

(Cheio de duvidas)

Meu Deus!

É tarde!... Nada posso!... Ouvi-me.

(Levando El-Rei para longe da porta dos quartos da Rainha e fallando-lhe baixo)

Parto agora,

Mas quando retumbar no inferno a fatal hora
Da victoria do crime, então, quando pensardes
Que ides morrer ás mãos d'hypocritas cobardes,
Senhor, serei comvosco, e Deus será commigo.
Adeus!

(Sahe)

SCENA VI

EL-REI e BRAZ

EL-REI, correndo para a porta

Conde!

(Voltando desanimado)

Ah! meu Braz, meu derradeiro amigo!

BRAZ, segurando-lhe as mãos, tremendo, quasi de joelhos

Senhor!

EL-REI

Meu Deus! Meu Deus! Quem tenho que me valha?

BRAZ

A mim, senhor.

EL-REI, afagando-o

Meu Braz! Que pódes, se a mortalha,
Disse o Conde, está prompta! A Morte condemnou-me!
De que entendes?

BRAZ, muito a medo

De cães.

EL-REI

De cães, disseste!... O nome
Que é d'elles... ou que é meu! Goso e faminto, arqueio,
Tremente, o dorso humilde á chicotada em cheio!
Co'as lagrimas no olhar, submisso, a esmola imploro,
As migalhas do chão!... Mas riem quando eu choro!
(Raivoso)
Ah! visse eu tudo um dia a chorar quando eu risse!

BRAZ

Entendo-vos tambem.

EL-REI

Que sabes da doidice,
Que devora a minh'alma e o corpo meu caduco?
(Com muita meiguice)
Entendes só de cães..! És, Braz, o meu maluco!

BRAZ

Que vos ama, senhor, e o vosso bem procura.

EL-REI

Uma noite, n'um beco immundo, onde a loucura
Por vezes me arrastou, de fome e frio e doença,
Sobre a lama cahiste, a arder em febre intensa.
Da porta da taberna onde pediste esmola,
Uma codea que anima, um dito que consola,
Correram-te á pedrada, em gargalhada enorme
Dos teus gritos d'idiota e do teu corpo informe.
Morrêras se não chego e, em rapida baralha,
Não ponho mais os meus em fuga essa gentalha.
Recolhi-te depois e dei-te contra o frio
Nas palhas da cocheira um leito mais macio.
Tinhas fome tambem; dei-te um sobejo immundo
Na gamella d'um cão que uivava furibundo.

(Pondo as mãos)

Senhor do céu, tão justo e santo, porque ordenas
Que nenhum dos que amei suavise as minhas penas,
Se pudeste crear no peito d'este louco
Um tão profundo amor em troca de tão pouco?

(Para Braz que lhe beija e acaricia a mão chorando)

Que bem te fiz, que assim me beijas esta mão?
Coitado!.. [illegible]onto e bom!.. Meu Braz!.. Maluco!.. Irmão!

[illegible] muito mansamente a porta secreta onde apparece [illegible]eça da Calcanhares espreitando)

SCENA VII

EL-REI, BRAZ, CALCANHARES e SIMÃO PERES

CALCANHARES, á porta, com uma lanterna de furta-fogo na mão

Daes licença?

EL-REI

Quem é?

(Com alegre surpreza)

Tu, minha Calcanhares!

SIMÃO PERES, á porta, com um grande cesto no braço

Boa noite. Aqui sim, respiram-se outros ares...
Que andam turvos lá fóra.

(Para El-Rei)

A vossa mão.

(Beija-a)

Que idéa!
Que bella idéa a minha! É digna da epopéa!
A ceia aqui vem prompta; o vinho é Lavradio;
Refresca em tempo quente e aquece em tempo frio.

EL-REI

Hoje então vens..!

(Para a Calcanhares)

E tu, que tanto me alvoroças!

CALCANHARES

Não podemos ficar? Tinha saudades v[illegible]
E vinha tão contente!

EL-REI

Hei de contar-te a scena.
Ides ver, ides ver... Logo hoje..! Mas que pena!
Logo hoje que não posso..!

(Muito alegre, confidencialmente)

Um caso milagroso!
Vieram roubar-te o amante obrigações d'esposo.

CALCANHARES

Que dizeis..!

EL-REI, para CALCANHARES e SIMÃO PERES

Duvidaes?.. Pois ides ver.

(Fazendo signal para que se afastem)

Cautela,
Que a dama não suspeite...

(Simão Peres e Calcanhares afastam-se e escondem-se atraz do biombo)

Adeus, ó minha bella!
Um dia voltará quem foge e mais te adora.

(Pega no cofre de crystal e vae bater á porta dos quartos da Rainha)

SIMÃO PERES, baixo á CALCANHARES

Pois enganei-me; este ar é como o lá de fora,
É mysterioso e turvo.

(Entra uma açafata da Rainha)

EL-REI

A Rainha?

A AÇAFATA

Deitou-se,
E, adoentada, ordenou que ninguem mais lá fosse.

EL-REI, cumprimentando a açafata e fazendo-lhe signal para que se retire

Muito bem. Boa noite.
(A açafata retira-se)
Estimo essas melhoras.
Eu lucrei porque tenho a ceia ás minhas horas.
Queres dormir sósinha!.. Ah! sim?.. Tanto melhor!
(Nervosamente, mas n'uma explosão d'allivio)
Deita vinho, Simão!.. Dá-me o copo maior!

SIMÃO PERES

Calcanhares, ajuda.
(Emquanto a Calcanhares atarefadamente vae pondo a mesa, Simão Peres tira do cesto uma borracha e um copo enorme)

EL-REI

Ó fausto desatino,
Que mudas a prisão n'um sonho diamantino!
Veste d'azul o tecto e ha rosas nos abrolhos,
As fontes deitam vinho e o sol...
(Galanteando a Calcanhares)
... serão teus olhos!

CALCANHARES, fingindo-se amuada

Agora assim fallaes e, ha pouco,...

SIMÃO PERES

És tão novata!

El-Rei gosta de rir.

(Rindo ás gargalhadas)

E a cara da açafata..!

(Apresentando a El-Rei o copo meio de vinho)

Eis o vinho, senhor, da missa do arcediago.

EL-REI, olhando para o copo que tem na mão

Co'os diabos, enche!

(Simão Peres enche o copo até á borda)

Vou bebel-o d'um só trago!

(Despeja o copo)

SIMÃO PERES

Bebei, bebei, que é sangue.

EL-REI, excitado

É rir, cantar!

(Apalpando a testa)

Suspeito

Que ardo em febre...

(Outro tom)

...Folgar! Mas tu, Simão, que has feito?

SIMÃO PERES, emquanto ajuda a CALCANHARES a pôr a mesa

Senhor, uma desgraça! e, sempre sem dez réis,
Já dei cabo do giz no bojo dos toneis.
Bons tempos em que fui D. Simão Traga-balas!
Como agora estou pobre e sempre vivo em talas,

A rir da capa rota, um perfido inimigo
Poz em voga outra alcunha: agora é Simão Figo.

CALCANHARES

A ceia está na mesa.

EL-REI, sentando-se

O vinho aqui mais perto.
Vem sentar-te, meu Braz.

BRAZ, timidamente

Senhor..!

EL-REI, mostrando-lhe uma cadeira

Aqui. De certo
Que preferes um frango aos restos da matilha.

(Sentam-se todos. El-Rei de frente para o espectador, dando a esquerda á Calcanhares, Braz no topo da mesa proximo d'El-Rei, e Simão Peres em frente de Braz)

(Para a Calcanhares)

Que taful hoje vens e linda, minha filha!
Eu vivo por ti só! Tu sempre tão somitica!

CALCANHARES, fingindo-se envergonhada

Obrigaes-me a córar.

SIMÃO PERES, com ar importante

Fallemos de politica.
O que é feito do Conde?

EL-REI, seccamente

Andava mal, portanto
Deixou de ser ministro.

SIMÃO PERES e CALCANHARES

Ah!

EL-REI

Que motiva o espanto?

SIMÃO PERES

Nada, senhor... Julguei sentir mudar-se o vento.
(Como se escutasse e se affirmasse)
Até sopra da barra! O outomno é rabugento.

EL-REI

Vinho! que tudo morre á sêde e ninguem bebe!
(Para a Calcanhares, que o serve)
É nectar o licor, tu, bella, serás Hebe.
Hebe, á tua saude!
(Bebe)
Um beijo, sim?
(A Calcanhares baixa a cabeça e El-Rei beija-lhe os cabellos)
Nem sei
O que mais me embebeda.

SIMÃO PERES, pondo-se em pé

Á saude d'El-Rei!
(Levantam-se todos e bebem)

Boas idéas tenho, agora a mais completa
Foi ter mandado abrir esta porta secreta.

CALCANHARES, que ficou de pé, mostrando o cofre que deve estar sobre a mesa

Que tendes n'este cofre?

EL-REI, puxando o cofre e escondendo-o nos braços

És tão curiosa!.. Nada.

CALCANHARES, deitando os braços ao pescoço d'El-Rei

Então deixae-me ver.

EL-REI, brincando

Se ficas amuada,
Nem t'o mostro siquer.

CALCANHARES

Joias?

EL-REI

Talvez.

CALCANHARES

Mostrae-as.

EL-REI

Mas não t'as dou.

CALCANHARES

Bem sei que não merece alfaias
Quem só vos quer amar.

EL-REI, abrindo o cofre

Olha.

CALCANHARES, com um grito de surpreza

Um diadema!

(Leva o cofre e vae para diante do espelho)

EL-REI

Vinho!

SIMÃO PERES, enchendo-lhe o copo,
que EL-REI despeja de uma vez

Talvez seja melhor ir mais devagarinho.

CALCANHARES, voltando com o diadema nos cabellos
e ajoelhando adiante d'EL-REI

Olhae se fica bem.

EL-REI

Se fica! Pois se és linda!
E Deus, que o mundo fez n'uma harmonia infinda,

Fez para os rouxinoes florir as primaveras,
A sombra para os maus, o matto para as feras,..

SIMÃO PERES, interrompendo

O vinho para mim,...

EL-REI, continuando

... os mochos para agoiros,
E os diademas reaes para os cabellos loiros!

(N'um tom soturno)

E para mim que fez?

CALCANHARES, com modos meigos

Ingrato!

BRAZ, afflicto

Inda soffreis?

EL-REI, muito excitado

Quem falla de soffrer no palacio dos Reis?

(Em pé, no meio da sala, cambaleando)

Vinho! Co'os diabos, vinho!.. Haja alegria!

(A Calcanhares vae buscar o copo; Braz serve El-Rei)

Deita!
Quero rir, uma vez que tenho a morte á espreita!

(Bebe e, completamente embriagado, atira para longe o copo)

Grande amigo és, meu Braz. Tu, filha, como és boa!

(Para Simão Peres)

Vamos, Simão, que tens? Berra, solfeia, atroa
Co'a tua voz possante os eccos d'esta casa!
Uma gota de vinho assim te poz á rasa?

SIMÃO PERES, sem paciencia para o aturar

Canto apenas e mal as coplas eloquentes
D'uns galans de navalha em becos indecentes.

EL-REI

Melhor! Tanto melhor! Ávante a serenata!

(Junto á porta dos quartos da Rainha)

Acorda, ó minha bella! escuta, ó minha ingrata!

(Com grande terror, que de repente o assalta)

Não! Não!.. Silencio! que hoje é dia de finados!
Dobra o sino!.. Senhor, perdão dos meus peccados!
Tantas almas a arder padecem dura sorte!..

(Desvairado)

Batem á porta! Ouvis?

(Como querendo segural-os)

Não vão, porque entra a Morte!
Pela fisga da porta adianta o braço esguio,
Immenso!.. Já me toca!.. e vou morrer de frio!
A minha espada!.. O Conde!.. Amigos!.. Quem me acode?
Fujamos..! Oh! meu Deus..!

(Cahe com um accidente, sobre o estrado, amparado por Calcanhares e Braz)

SIMÃO PERES, com a voz muito avinhada

Quem não póde não póde.
Bebeu demais !..

CALCANHARES

Coitado!

BRAZ, muito carinhoso, observando EL-REI

Agora dorme.

SIMÃO PERES

Vamos,
É deixal-o dormir. Já nada aqui lucramos.

(Accende a lanterna, emquanto a Calcanhares veste a mantilha)

A fortuna, menina, é nuvem que se solta,
Que dá sombra e desfaz-se. O tempo bom não volta.
Que me darás por esta empirica verdade?

CALCANHARES

O melhor do diadema.

SIMÃO PERES

E do leito?

CALCANHARES

A metade.

(Sahindo)

Adeus, meu Braz.

SIMÃO PERES

Adeus, servo humilde e fiel

(Sahe com a Calcanhares pela porta secreta)

BRAZ

Adeus.

(Fecha as portas, depois com a propria capa e com muito carinho abafa El-Rei, apaga as luzes e nos bicos dos pés percorrendo a scena, vae deitar-se no chão, atravessado como um cão, á porta dos quartos da Rainha, porta que primeiro observa, como se d'ali temesse qualquer perigo)

EL-REI, sonhando

És linda!.. E como... eu te adoro,.. Izabel!

QUARTO ACTO

A portaria do Convento da Esperança. Ao fundo, em toda a largura, uma grade, começando em baixo a pouco mais d'um palmo do chão. Por detraz uma cortina negra corrida. Á esquerda e á direita, duas grandes portas no segundo plano; a primeira dando para o interior do Convento, a outra para fóra. No primeiro plano, á direita, uma janella gradeada, á esquerda a roda.

SCENA PRIMEIRA

D. RODRIGO DE MENEZES, DUQUE DE CADAVAL, MARQUEZ DE CASCAES, e CONDE DA TORRE

DUQUE

Honrado acceitarei tão nobre dignidade.

D. RODRIGO

Sereis procurador de Sua Magestade.
...sso ardor dominae; com methodo e com pausa
...a bom caminho uma tão justa causa.
velho; desculpae-me a audacia do conselho.

CONDE DA TORRE

Qual methodo!... qual pausa!... Eu vejo só vermelho!

MARQUEZ

Ardente vos mostraes, ferino e tão mavorcio!
A espada de que serve á causa do divorcio?

DUQUE

Nada tememos, Conde. Um sabio juiz prudente
No cabido da Sé teremos certamente.
A justiça é bem clara.

MARQUEZ

E El-Rei quando souber
Que lhe fugiu do paço esta noite a mulher?
Talvez queira zangar-se e vir, como abelhudo,
Berrar no claustro santo uma canção d'entrudo.

D. RODRIGO

Grite embora, que importa? O Conde, no degredo,
Contrito rasga o peito e já não mette medo.
Quem mais? Onde se occulta o pobre velho ignaro,
Triste muleta a quem El-Rei pedia amparo,
Antonio de Macedo? Ao grito da revolta,
Reza o acto de attrição, vélas ao vento solta.
Sabeis de mais alguem?

DUQUE

E acaso inda a noticia

Por emquanto ignoraes que me affirmou propicia
A justiça do céu?

MARQUEZ

Dizei.

DUQUE

No mesmo instante
Em que a esposa infeliz partia soluçante,
Procurando um refugio onde esconder as maguas,
Uma esquadra franceza entrava em nossas aguas.

MARQUEZ

Se foi rogado o auxilio é vergonha e é demencia.

DUQUE

Um verdadeiro acaso.

D. RODRIGO

A santa Providencia!

MARQUEZ

Tanto melhor.

CONDE DA TORRE

Não sei.

MARQUEZ

Burlesco D. Quixote!

CONDE DA TORRE

Fosse ella contra nós! Ia já lá n'um bote.

D. RODRIGO

O auxilio vem do céu. Talvez El-Rei supponha,
Visto o vigor francez, que é bem mostrar vergonha.

MARQUEZ

É caso de comedia o vêl-o em tamanquinhas.
Um pato enlameado, ao ver as andorinhas,
Grasna, estende o pescoço, as azas dobra em arco,
Sacode-as,... mas não logra um palmo sobre o charco.

DUQUE

Se alguem souber, explique a torpe nostalgia
Do que antepoz a treva ao sol do meio dia.

MARQUEZ

Diga o rato que entrou na egreja, temerario,
Se lhe souberam bem as hostias do sacrario.

D. RODRIGO

Triste Rei!

DUQUE

Mas indigno.

MARQUEZ

Agora uma objecção.

CONDE DA TORRE

Destroe-se ou dentro em mim rebenta um furacão!

D. RODRIGO, para o CONDE DA TORRE

Quieto!
(Para o Marquez)
Fallae, Marquez.

MARQUEZ

Haveis pensado acaso
No dote da Rainha e no pequeno praso
Em que ella o exige ao reino? O dote fez-se em fumo,
Todo gasto na guerra, e com razão presumo
Que a teta do paiz... apertem-a á vontade,
Mas já não dá vintem.

D. RODRIGO

Tendes razão, mas ha de
Talvez achar-se um meio. Arroge-se do throno
Quem nasceu para escravo e que da patria é dono.
Queira D. Pedro emfim, tocado pelo Eterno,
Calar em nobre peito o doido amor fraterno;
O throno ha de ser d'elle ao gesto da conquista...
E da santa que um claustro hoje asylou malquista.

MARQUEZ, admirado, mas como duvidando

...eis..?

D. RODRIGO

O que pensaes?

MARQUEZ

A cura é mais que ousada.

CONDE DA TORRE

Talvez seja a melhor,... mas não percebi nada!

SCENA II

Os mesmos, o INFANTE e SOROR BENEDICTA

INFANTE, entrando com SOROR BENEDICTA
pela porta que dá para o interior

Senhores, vamos. Deus seja comnosco.

SOROR BENEDICTA

Amen.

Venho abrir-vos a porta.

(Dirige-se para a porta de serventia exterior, onde fica esperando)

INFANTE

E do paço?

D. RODRIGO

Ninguem.

Impõe respeito a esquadra.

INFANTE

Havemos, dentro em pouco,
De fallar com doçura ao nosso irmão tão louco.

(Entregando a procuração ao Duque)

Eis, Duque, este papel. Cumpri, como parente,
Amigo e bom vassallo, este dever urgente.
Vamos.

(Embuçam-se nas capas. De fóra batem fortemente á porta)

SOROR BENEDICTA, fallando para fóra

Então!... Juizo!

CONDE DA TORRE, puxando da espada

Os valentões que esperam!

INFANTE

Quem bate assim?

SOROR BENEDICTA

Senhor... Coitados!... É que deram
As horas do jantar dos nossos pobresinhos.

INFANTE

Ah!... Sim. Vamos.

SOROR BENEDICTA

Que Deus vos guie em bons caminhos.

SCENA III

SOROR BENEDICTA, Mendigos e Mendigas

(Apenas o Infante sahe com os fidalgos, entram os mendigos em tropel)

SOROR BENEDICTA, ralhando

Não vos dou de comer emquanto não quietardes.
Que raladas que tenho agora as minhas tardes!
Vou procurar quem possa e queira substituir-me.

OS MENDIGOS

Não!... Não!

SOROR BENEDICTA

Pois bem...

(Vae dentro buscar um grande caldeirão. Os mendigos cercam-a immediatamente)

Olhae, que esta vontade é firme.
Vamos Então!... Primeiro aquella pobre cega

(Os mendigos afastam-se. A Cega approxima-se com um tacho na mão)

A CEGA

Pois seja pelo amor de Deus.

Um COXO baixo a um MANETA

Feliz collega!
É preferida sempre!

SOROR BENEDICTA, continuando a distribuição do caldo aos outros mendigos

Algum de vós conhece
O rancho que sahiu?

O MANETA

Por muito que o quizesse,
Não podia observar.

SOROR BENEDICTA, para um VELHO

Tu sabes, mas não dizes...
Conheces tanta gente!

O VELHO

Eu vi cinco narizes
Por baixo dos chapéus e por cima dos mantos.

SOROR BENEDICTA

Valha-me Deus!... Agora os mysterios são tantos,
Que ha noites que não durmo e embrulho as orações,
Quando rezo no côro as minhas devoções.
O demo é quem me tenta e põe-me assim abstracta.

O VELHO, baixo á CEGA

Eu dou-te dez feijões se dás uma batata.

SOROR BENEDICTA, ralhando com o VELHO

Já disse muita vez: a gula é detestavel!
ser curiosa emfim, é menos condemnavel.
reda, Satanaz!... Senhor, dae-nos virtude!

SCENA IV

Os mesmos e SIMÃO PERES

SIMÃO PERES, entrando

Seja Deus n'esta casa. E a vós, irmãos, saude.

SOROR BENEDICTA

Olá, senhor Simão! Ditosos olhos!...Viva!
Que affronta inadvertida a ingratidão motiva?
Que fizestes, senhor, n'uma tão larga ausencia?

SIMÃO PERES

Dos meus peccados fiz ferrenha penitencia.
O mundo é tão perverso e andei tanto no mundo,
Que ante a minh'alma negra eu todo me confundo.

SOROR BENEDICTA, muito derretida

Ha muito bons christãos, mas como vós ha poucos!
No paço o que ha de novo?

SIMÃO PERES

Ha dois ouvidos moucos
Á minha sã doutrina, ao meu conselho justo.
Já não durmo, nem como, e até respiro a custo!
Pelo Conde pedi de joelhos e mãos postas...
É demais! Fiquei só com tudo ás minhas costas!
Noitadas, guerra e paz, politica e mulheres...

SOROR BENEDICTA

Que horror!

SIMÃO PERES

Tudo carrega o pobre Simão Peres!

SOROR BENEDICTA

É demais! Coitadinho!

SIMÃO PERES

E talvez d'ora ávante
Comece a proteger as ambições do Infante,
As santas ambições. Depois: «*Talis pagatio,*
Lá diz Santo Agostinho, *homo, talis cantatio.*»

SOROR BENEDICTA

Amen. Foi grande santo e é grande auctoridade.
Comtudo o Infante, embora o governar lhe agrade,
Não tem direito algum...

SIMÃO PERES, como offendido

Sois por Hespanha então?

SOROR BENEDICTA

O nosso reino é só d'El-Rei D. Sebastião.
Quizera vel-o heroico, um dia, por hi fóra,
[illegible] parentes bradar: *Nec sempre lilia flora!*
[illegible] eu tambem sei latim.

SIMÃO PERES

Tão santa prophecia
Ha de alegrar-nos a alma, ha de cumprir-se um dia.
N'este val de miseria, até que Deus se enfade,
Ha de reinar na sombra a estolida vaidade.
Que somos todos nós? Pó, terra, cinza e nada!
(Outro tom)
O caldo cheira bem. Que bella feijoada!

SOROR BENEDICTA

Se quereis... Fortalece o estomago, e consola!

SIMÃO PERES

Minha irmã, tenho fome, acceito a vossa esmola.

SOROR BENEDICTA

Um momento já volto.

SIMÃO PERES

É pelas cinco chagas...!

O MANETA, logo que SOROR BENEDICTA sahe, batendo no hombro de SIMÃO PERES

Tu deves dois vintens e berro se não pagas.

SIMÃO PERES

Deixa-te d'isso, amigo; uma estocada é rolha.

SOROR BENEDICTA, entrando

Santinho, aqui vos trago um tacho novo em folha.

SIMÃO PERES, com muita emphase,
emquanto SOROR BENEDICTA o serve

O diabo é forte, o mundo é falso, a carne é fraca!
A carne ateia, o mundo atiça, o diabo ataca!

SOROR BENEDICTA, applaudindo

É muito conceituoso!

SIMÃO PERES

Eu de vaidades fujo,
E prefiro ser pobre e vir, humilde e sujo,
Aos vossos pés buscar, em dias de tormento,
O exemplo da virtude e os caldos do convento.

SOROR BENEDICTA

Mas hoje o que vos trouxe?

SIMÃO PERES

Ah! soror Benedicta,
Acho incrivel que o céu tamanha dôr permitta!
Muito soffre quem ama!... E elle então soffre tanto!

SOROR BENEDICTA

Mas quem, senhor?

SIMÃO PERES

O meu melhor amigo, um santo!

SOROR BENEDICTA

Um santo!

SIMÃO PERES

Ella, uma ingrata, aqui, na paz da egreja
Repousa, emquanto o pobre abandonado almeja
Pela morte que o salve. E morrerá talvez,
Se ninguem permittir que a veja uma só vez.

SOROR BENEDICTA

Vel-a! Mas como? Eu não...

SIMÃO PERES

Sede piedosa.

SOROR BENEDICTA

Crede
Que é muito serio o caso.

SIMÃO PERES

A gota d'agua á sede!
Vel-a sómente... ou morre!

SOROR BENEDICTA, indecisa

Ou morre!.. Assim... Jurando
Que não lhe fallará...

SIMÃO PERES

Quem sabe? Talvez, quando
Elle a veja tão pura, o toque o santo exemplo,
E vá pedir consolo á solidão d'um templo.

SOROR BENEDICTA

Convenceis-me. Pois bem... Detraz d'aquella grade
Logo vereis passar toda a communidade.
Vão senhoras, irmãs, noviças, ninguem falta;
A serva mais humilde e a nobreza mais alta
Veem prestar d'este modo o derradeiro culto
Ao corpo em que viveu na terra um anjo occulto.

SIMÃO PERES

Bella idéa!... Um enterro...?

SOROR BENEDICTA

E póde o vosso amigo
Ver todo o funeral, como qualquer mendigo
Que vem á portaria ás horas do jantar.

SIMÃO PERES

Quem morreu no convento?

SOROR BENEDICTA

Um dia, n'um altar,
Na luz d'um resplandor vereis a sua imagem.
E os povos hão de vir, em mystica romagem,
Dar-lhe rosas, beijar-lhe os pés, queimar-lhe incenso.

SIMÃO PERES

Coitadinha!

SOROR BENEDICTA

Soffria immenso, que era immenso

O remorso voraz da culpa que não tinha.
Tão pura e tão modesta e santa!

SIMÃO PERES

Coitadinha!

SOROR BENEDICTA

Deu-lhe Deus o perdão do crime imaginario,
Que era o pranto na face as contas d'um rosario.
Santas contas rezou. Vae martyr, mas vae pura,
De palmito e capella entrar na sepultura.
Lá no céu, pelos bons, já roga ao Sempiterno
Dê-lhes paz.

SIMÃO PERES

Coitadinha!

SOROR BENEDICTA

E para os maus... o inferno!

SIMÃO PERES, acabando de comer e ainda com a bôca cheia

Que peça a Deus por mim.

SOROR BENEDICTA

Rogae pelos defuntos,
E eu vou tratar do enterro.

SIMÃO PERES

Irmã, rezemos juntos.

(Rezam de mãos postas)

O COXO, baixo ao VELHO

Namora esta raposa a franga tão velhinha?

O VELHO

Ó grande toleirão! Franga velha é gallinha.

SIMÃO PERES, terminando a reza

Deo gratias, irmã.

SOROR BENEDICTA

Volto ás minhas funcções.

SIMÃO PERES, acompanhando-a até á porta

Recordae-vos de mim nas vossas orações.

SCENA V

Os mesmos menos SOROR BENEDICTA

O COXO

A labia é de sobejo á falta de vergonha.

SIMÃO PERES, descendo

Vê se mordes a lingua e morres de peçonha.
Inveja! Coisa vil! Se ás damas muito agrado,
Tu, côr de fel e tolo e sujo e desasado,
Sonharias talvez rivalisar commigo!
(Outro tom)
Pois quanto sei vencer só presta a algum amigo.

O MANETA

Que te paga talvez melhor do que tu pagas.

SIMÃO PERES

Tudo isto é dois vintens!... Pois olha que naufragas
Inda antes de ver terra. E eis-me em terra de todo,
Quando ha dias... que diabo! era o dinheiro a rodo!
Sempre o azar vi constante e a sorte vi canhota!
Lembrei-me de jogar valente contra a sota...
Foi tudo!

O VELHO

As sotas são levadas do demonio!

SIMÃO PERES

O mesmo fim que teve o escasso patrimonio!

O COXO

Carraça no pedir, se tocas sega-rega,
És capaz de calar a bôca d'esta cega.

A CEGA

Lá vens co'as tuas.

O VELHO

Deixa a pobre.

O COXO, para a CEGA

Nada escapa
Á tua lenga-lenga.

A CEGA

Olha o forro da capa,
Em que escondes dinheiro...!

O VELHO

Olá! Como o soubeste?

A CEGA

Cheira a azebre.

O COXO

Cegaste a tua filha.

A CEGA

Ó peste!
Ó demonio!

O MANETA

É verdade.

A CEGA

E fora assim, que tinha?
Qual de vós era o pae? Mas eu sei que era minha.
Dei-lhe um modo de vida. E então?... Sabeis que mais?
Eu, cega, muito sei que nem siquer sonhaes.
Ha pouco tive a prova. Um d'esses que inda agora
D'aqui foram...

O VELHO, muito curioso

Quem é?

A CEGA

Tanto não sei... Namora
Grande fidalga!

SIMÃO PERES

Olá! Mysterios!

O VELHO

Esclarece.

A CEGA

Tinha pegado ao fato um cheiro que entontece,
Que é moda lá da França. Os homens não teem d'isso,
E é prova que fallou... bem perto do derriço.

O COXO

Ora adeus!

O MANETA

Usa o cheiro.

O VELHO

Esse argumento é fraco.

A CEGA

Pois era da fidalga; o d'elle era a tabaco.

SIMÃO PERES

Tens olho n'essa venta e é teu nariz enlevo!
(Para o Maneta)
Darás á pobre cega os dois vintens que eu devo.

A CEGA

Obrigada, irmãosinho.

SIMÃO PERES

A historia então vejamos:
São da nobreza os taes?

O VELHO

Decerto.

SIMÃO PERES

São meus amos.
Primo, tenho um dever:—Ajuda quem te ajuda.
Por isso anda curiosa esta arraia miuda.

O VELHO

Pudera! Coisa assim!...

SIMÃO PERES

Secundo, mansamente,
Á custa d'um mysterio engorda muita gente.
Escutemos á grade.

(Simão Peres, o Velho e alguns outros mendigos approximam-se da grade, escutando o que se passa lá dentro)

Ouço um rumor incerto,
Mas nada se percebe.

O VELHO

Agora ouço mais perto.

SIMÃO PERES, para os mendigos

Silencio!
(Apurando o ouvido)
Não distingo.

O VELHO

Andam no claustro ao lado.
(Ficam escutando)

A CEGA, n'uma toada arrastada

Padre nosso, que estaes no céu, sanctificado...

SIMÃO PERES, vindo buscar a CEGA

Olá, cega, anda cá. Teu credito sustentas,
Se te adorna essa orelha a afinação das ventas.
Escuta.

A CEGA, junto á grade, escutando

Andam no claustro e posso ouvir sómente
Quem vindo a conversar assim passar em frente
Da porta aberta.

SIMÃO PERES

Escuta.

A CEGA

Ouço fallar. Um bando
De passarinhos... São noviças conversando.
Discutem,... fallam baixo... A pratica é tristonha.
—«Morreu d'amor» diz uma. E outra:—«Foi de vergonha.»

SIMÃO PERES

É menos uma freira. Adiante. Escuta lá.

A CEGA

Mais vozes... Outra gente... Agora quem será?
(Affirmando-se)
Freiras velhas em grupo... E fallam com respeito,
Em tom muito submisso... Outra fallou... Suspeito. .
Deve ser a fidalga; a voz é de quem manda.
Silencio!... Já passou. Como ella a voz abranda,
Dizendo, qual se fora em grande amor accesa...
Duas palavras só.

SIMÃO PERES

Quaes foram?

A CEGA

Sua Alteza.

(Toca dentro uma sineta)

O VELHO

Acabou-se o recreio.

SIMÃO PERES

E por hoje, meu povo,
Ficámos em jejum.

SCENA VI

Os MESMOS e EL-REI

EL-REI, entrando

Simão, que dás de novo?

(Apenas El-Rei entra, é cercado pelos mendigos que fallam todos ao mesmo tempo)

A CEGA, em grande lamuria

Ó meu nobre senhor, vêde a pobre ceguinha;
Se ha desgraça mais triste ou maior do que a minha!

O COXO, no mesmo tom

Ai, tende compaixão, pela vossa saude,
D'esta minha desgraça! E que Deus vos ajude.

O MANETA, no mesmo tom

Um triste aleijadinho a caridade implora;
Ai, Deus ajuda quem favorece a quem chora!

SIMÃO PERES

O diabo a todos leve e leve a cantilena!

(Os mendigos retiram-se)

EL-REI

Que ha de novo, Simão? que esta minh'alma pena
Nas ancias de saber a sorte da infeliz.

O VELHO, approximando-se de EL-REI, com muito gravidade

Um velho que prestou serviços ao paiz...

SIMÃO PERES

Tambem tu vens prégar a tua pachochada?
(Tirando a espada)
Se mais algum rosnar apanha uma pranchada.
(Os mendigos retiram-se para um canto da portaria)
(Para El-Rei)
Fallae, senhor, agora; os homens estão quietos.

EL-REI

Conta lá, que fizeste em pró dos meus projectos?

SIMÃO PERES

Logo a vereis.

EL-REI

Pois logo?... Ó Magdalena!
(Para Simão Peres)
Conta.

SIMÃO PERES

Foi-me facil vencer uma freirinha tonta,
A porteira d'aqui. Detraz d'aquella grade
Dentro em pouco heis de ver toda a communidade.

EL-REI

Ó filha do Senhor, acolhe a minha prece,
Que, se é zeloso Deus, tambem se compadece
Da noite escura e dá-lhe o manto das estrellas,
Astro da minha noite! As sombras quero vel-as

Fugir á tua vista!.. Ó luz, sê-me propicia,
E dá-me um raio teu que venha, qual caricia,
Banhar minh'alma inquieta, assim como se afunda
Um raio de luar n'um charco d'agua immunda!

(Para Simão Peres)

Conta, meu bom Simão. Que sabes?

SIMÃO PERES

Sei tambem
Que ha logo um grande enterro.

EL-REI

E quem morreu?

SIMÃO PERES

Ninguem.
Um mytho, uma chimera!

EL-REI

Explica.

SIMÃO PERES

Uma charada!
Ella foi, mas não foi; foi tudo e não foi nada.
O remorso era immenso e a culpa era tão pouca
Que os figos nem cheirou,... mas rebentou-lhe a bôca.

EL-REI

Pois cala a tua. Sinto um mau presentimento

Invadir a minh'alma, elar-me o pensamento.
Agoiros!... Nada mais!... Deus nunca tal permitta!

SIMÃO PERES

Ides já saber tudo; eis soror Benedicta.

SCENA VII

Os MESMOS e SOROR BENEDICTA

SOROR BENEDICTA

Irmãos, silencio agora. Os anjos, que o Senhor
A casa nos mandou, trouxeram-nos a dor.
Louvado seja Deus, que já no céu repousa
Quem Deus mandou chamar, a sua casta esposa.
Para aqui dentro em pouco o enterro se encaminha
De soror Magdalena.

(Sahe. Corre-se a cortina do fundo. Vê-se uma sala extensa, communicação entre o claustro e a egreja. Ao centro um altar. Ouve-se dentro o orgam)

EL-REI, apaixonadamente

Ó Magdalena minha,
Quão longe é d'este inferno aos astros onde moras!

A CEGA, baixo ao VELHO

É fidalgo?

O VELHO, baixo á CEGA

Um burguez.

A CEGA, como acima

O tinir das esporas
É de prata.

SCENA VIII

SIMÃO PERES, EL-REI,
MENDIGOS, MENDIGAS, e depois, do outro lado da grade,
FREIRAS, NOVIÇAS, SENHORAS
e a RAINHA

(O enterro vae passando. Adiante tres freiras, levando a do centro uma cruz. Seguem-se as noviças duas a duas, depois um grupo de freiras e o esquife de Magdalena aos hombros de seis noviças, algumas freiras atraz, depois a Rainha isolada, seguida pelas senhoras recolhidas. A Rainha veste de preto, com a cabeça envolta n'um véu. Todas com tochas accesas)

EL-REI

Remonta aos céus nas azas brancas
Dos anjos, alma pura! Eu sinto que me arrancas
Do peito a minha vida, a vida que era tua!
Pede a quem t'a roubou que á minha m'a destrua,
Sendo inferno o viver para invejar, inerme,
Ao céu tu'alma viva e o corpo morto ao verme!
Foi-se o nectar, a luz, a musica, o perfume,
Iris da tempestade, estrella do negrume!
Vil insecto bebi na petala d'um lyrio
O matutino orvalho, a perola do Empyreo!
Mas se tinha a tu'alma os dons do corpo amado,

Deus te faça um diadema enorme, só formado
Das estrellas do céu, vista-se a noite embora
De luto, como a noite em que a minh'alma chora!

AS TRES FREIRAS DA FRENTE,
n'um tom plangente, quasi de cantochão

Requiem æternum dona ei, Domine.

EL-REI

Pequei!...

Perdão, meu Deus!

AS OUTRAS FREIRAS

Et lux perpetua luceat ei.

EL-REI

Senhor omnipotente, a compaixão mendigo!
Misericordia! Ó Deus, livrae-me do castigo!
(Voltando-se para o esquife de Magdalena)
Reliquia veneranda..!
(Reparando na Rainha)
Esta mulher..! Discerno
Ou que visão me opprime?.. Olá, monjas do inferno,
Esta farça cruel representar quem ousa?
(As freiras param; cala-se o orgam)

RAINHA, tirando lentamente o véu

Senhor, demais sabeis, nunca fui vossa esposa.
(Silencio grande. Seguem todos atraz do esquife)

EL-REI

Então já nada póde El-Rei de Portugal!

OS MENDIGOS

El-Rei!

EL-REI

Pois vamos ver, esposa desleal!
Bem caro o vaes pagar!... Fidalgos já não tenho,
O clero é contra mim, o povo ousou, rouquenho
Á força de gritar, erguer-se contra o solio!
Quem suppõe que d'El-Rei não resta mais que espolio,
E que ao throno o não prende a mais subtil escapula?
Pois bem, pois ides ver... que inda sou rei da crapula!

(Para os mendigos)

Olá, vós, escutae-me: Eu dou-vos um milhão
Se algum de vós, á força, arromba esse portão!

(Os mendigos correm contra a porta, que tentam arrombar)

SCENA IX

EL-REI, SIMÃO PERES,
MENDIGOS, MENDIGAS,
INFANTE, DUQUE DE CADAVAL,
MARQUEZ DE CASCAES, CONDE DA TORRE,
D. RODRIGO DE MENEZES

(O Infante e os seus entram com as espadas desembainhadas, batendo nos mendigos)

INFANTE

Olá, canalha vil!

SIMÃO PERES, desembainhando a espada
e pondo-se ao lado do INFANTE

Dae-lhes sem dó!

EL-REI

Cuidado!

A CEGA, de joelhos, no meio da desordem, muito afflicta

Padre nosso, que estaes no céu, sanctificado...

EL-REI

Pois ha tão ruins villões que ante El-Rei se não domem!

INFANTE

Rei, vós!... Tem graça! Vós,... que nem siquer sois homem!

EL-REI, no auge do furor, lançando mão da espada

Ah! Pedro!

(Ouve-se novamente o orgam. El-Rei deixa cahir a espada, ficando como alheio ao que ali se está passando)

Aquelle canto..!

SIMÃO PERES, ao CONDE DA TORRE

A tantos combatentes

Uma hora resisti.

CONDE DA TORRE

Nós somos dois valentes.

FREIRAS, dentro

Requiem æternum dona ei, Domine.

INFANTE

Sois Rei

Só para o mal!

FREIRAS, dentro

Et lux perpetua luceat ei.

INFANTE

Lembrae-vos do dever que toca ao vosso nome.

EL-REI, dolorosamente

Ó Magdalena!... Deus zeloso castigou-me!

EL-REI

Fosse eu filho d'um crime, e a mãe desnaturada
Me houvesse esmigalhado os ossos na calçada!
Nasci Rei para que?

CASTEL-MELHOR

Para que o fosseis. Déstes
Ouvidos ás paixões e, cego, não quizestes
Calar o coração. Trahiu-vos?... Foi bem feito!

EL-REI

Quem me dera arrancal-o, em vida, do meu peito!
Como n'elle vingára este odio que me anima!
Ah! tel-o aqui nas mãos, e aqui... cuspir-lhe em cima!

CASTEL-MELHOR

Urge evitar, fugindo, os tractos que puder,
Contra vós, cogitar um odio de mulher.

EL-REI

Que dizes?.. Oh! tormento!.. Essa mulher?.. Ah! Conde,
Revela o teu silencio o que a piedade esconde!

CASTEL-MELHOR

Vingae-vos, que vingaes a patria. Fóra aguarda
Um criado fiel... Dorme no paço a guarda...
Mal rompe o dia... É prompta a fuga... Dois cavallos
Dentro em pouco estarão dispostos... É montal-os!
Espera um barco meu na praia de Xabregas.

Iremos Tejo acima, e emquanto o paço, ás cegas,
Discute onde mandar os sordidos molossos,
No Alemtejo, seguro, estareis entre os vossos.
É preciso um disfarce, um manto...

EL-REI

Nada tenho...
Um fato apenas.

CASTEL-MELHOR, para BRAZ

Dá-me o teu.

EL-REI

Mas Braz...?

CASTEL-MELHOR

O empenho
De salvar-vos é d'elle e é meu.
(Para Braz)
Dá-me o teu manto.
(El-Rei e Braz trocam os mantos)
Ficas, entendes?

BRAZ

Sim.

EL-REI

A morte só portanto
Lhe daremos em paga!

CASTEL-MELHOR

Atraz d'aquella porta
Fechado, has de fingir El-Rei.

BRAZ

Sim... Que me importa!

EL-REI, abraçando-o

Meu Braz!

BRAZ

Deixae-me... Adeus!

CASTEL-MELHOR

Salvas El-Rei. Que apenas
Te percebam o vulto. Uma imprudencia,... ordenas
A morte ao teu senhor. Toma cuidado, Braz.
Pela janella a furto ás vezes passarás...
Leva o chapéu d'El-Rei... Percebes?
(Com desalento)
Rei caduco,
Infeliz patria, sois nas mãos d'este maluco!
Percebe... olha... vê bem... Mas não! Deus nos proteja!
Vae, meu Braz.

EL-REI

Adeus, alma ingenua e bemfazeja!

BRAZ

Adeus. Talvez no céu vos torne a ver!

CASTEL-MELHOR

Confio
No teu valor.

EL-REI

Adeus!
(Sahe Braz para os quartos d'El-Rei)
Conde, morro de frio
Co'esta capa... e de medo!

CASTEL-MELHOR, ironico

Affonso, o Victorioso!
(Outro tom)
Vou tudo preparar. Logo achareis repouso.
(Apontando para o biombo)
Escondei-vos ali. Coragem! Volto em breve.

EL-REI, escondendo-se

Que o Senhor nos proteja!

CASTEL-MELHOR, sahindo pela porta secreta

E que o demonio os leve!
Coragem!

SCENA III

EL-REI, INFANTE,
MARQUEZ DE CASCAES, DUQUE DE CADAVAL,
CONDE DA TORRE, PADRE NUNO,
e depois,
D. RODRIGO DE MENEZES

INFANTE

Obrigado É-me efficaz arrimo
O vosso bom conselho. Amigos, repeti-m'o;
Eu sinto que esmoreço. E Affonso?

DUQUE, entre-abrindo a porta dos quartos d'EL-REI

Eil-o no quarto.

PADRE NUNO

Correi-lhe o fecho.

(O Duque fecha a porta e corre o fecho)

CONDE DA TORRE

Sempre o medo! Ando já farto!

INFANTE, apontando para o biombo

E ali? Vêde, Marquez.

MARQUEZ

Apenas e de borco,
O maluco dos cães que dorme como um porco.
Deus te abençoe, rapaz.

PADRE NUNO

Coitado do innocente!
Embora acorde, nada entende.

DUQUE

É mais prudente...

INFANTE

Não, não, deixae. Que importa? E demais, se elle dorme
Talvez que nem perceba esta desgraça enorme.

PADRE NUNO

Coragem, meu senhor, que a tibieza é caminho
Que o demonio conduz ás almas de mansinho.
Á egreja, dae-lhe a paz, tereis o auxilio santo.
Ouvi nossas rasões e ao reino ouvi-lhe o pranto,
Ao triste que, por mais que o seu thesoiro esgote,
Dar não póde á Rainha o tão precioso dote.
A patria vos obriga ao nobre sacrificio...
Deus encha de caricia as pontas do cilicio!

MARQUEZ, baixo ao INFANTE

Alcançastes a meta apoz crueis esforços,
E sois triste, senhor!

INFANTE

Marquez, tenho remorsos.

D. RODRIGO, entrando

Uma dama co'o rosto em denso véu coberto
Deseja-vos fallar.

INFANTE

Quem póde ser?

D. RODRIGO

Decerto
Conduzem-a rasões bem graves.

DUQUE

A taes horas!

D. RODRIGO

Diz ter que vos fallar, que estorvos ou demoras
Serão funesto damno á causa da Rainha,
Que a manda aos vossos pés, senhora sua e minha.

INFANTE

Da Rainha!... Já, que entre.

(Sahe D. Rodrigo)

Amigo, padre Nuno,
Foi de sabio o conselho á força d'opportuno.
Que Deus me dê valor para levar ávante
A minha santa empreza.

(Entra D. Rodrigo, acompanhando a Rainha, vestida de preto, mascarada, e com um grande véu tapando-lhe a cabeça e o rosto)

D. RODRIGO, para a Rainha

Eis o senhor Infante.

INFANTE

Senhores, ide embora.

(Sahem todos, ficando apenas o Infante e a Rainha. El-Rei atraz do biombo)

SCENA IV

EL-REI, INFANTE e RAINHA

INFANTE

O que voz traz, senhora?

RAINHA

A audacia que vos falta, a idéa vingadora.

(Tira a mascara e o véu)

INFANTE

A Rainha!.. Izabel!

RAINHA

Que espanto o vosso!

INFANTE

E ousastes..?

RAINHA

Sim, ousei. Quando eu quero, estorvos e contrastes
Sei calcal-os aos pés. O aviso que me deram

EL-REI, com o fato esfarrapado, vindo ao meio da scena

Ah! Pedro!.. Eu já não posso!

INFANTE

El-Rei!

EL-REI

Sede malditos
Vós que trataes d'amor como chacaes aos gritos!
Ali rasguei-me todo, e a carne em regos fundos,
Crueis, rubros, tracei! Nos labios nauseabundos,
Transforme-se em veneno o amor que haurir suppunhas,
Ó perfido Caim!

(Mostrando-lhe as mãos ensanguentadas)

Repara n'estas unhas,...
É carne, é sangue meu, do peito em que habitavas!
Toma tento, coveiro, em que terreno cavas,
Não tropeces co'a bruxa, em fetido certame,
Ao tripudiar na cova, honrando o bode infame!

RAINHA, dando o punhal ao INFANTE

Defendei-me do insulto. Imponha-lhe esta adaga
As attenções que deve.

EL-REI

A vida assim me apaga!
O teu fraterno amor bem póde co'um só gesto
Tornar menos cruel o teu bestial incesto.

Coragem, bom irmão, toma o punhal e fere!
(Chorando)
O meu Pedro..! Um punhal..! Deus santo! Miserere!

INFANTE

Não!.. Não posso!
(Atira fóra o punhal)

RAINHA, para o INFANTE

Cobarde!
(Para El-Rei)
Agora nós! Que venha
Alguem que em vosso throno inda hoje vos sustenha!

SCENA V

Os mesmos, o CONDE DE CASTEL-MELHOR,
e depois, BRAZ

CASTEL-MELHOR, á porta secreta

Eis-me aqui pois, Senhora.

RAINHA

O Conde!
(Desce, refugiando-se perto do Infante)

CASTEL-MELHOR, á porta chamando

Braz!
(Entra Braz)

INFANTE

Inferno!

RAINHA

Sê maldito!

CASTEL-MELHOR

Silencio! Inda uma vez governo.
(Para El-Rei)
Depressa despertae, que Deus foi quem me trouxe.
(Para Braz)
Escuta, amigo. Um dia, um dos teus cães damnou-se;
Nos olhos tinha o sangue e a baba nas guelas,
Um ar cobarde e mau, ladrando-te ás canellas...
Tu lembras-te?

BRAZ

Se lembro!.. O meu Barbaças.

CASTEL-MELHOR

Bem.
(Para El-Rei)
Ha tempo de sobejo emquanto elle os retem.
(Para Braz)
Co'a raiva estrebuxava o cão tão cruamente,
Que até já contra o dono arreganhava o dente;
Pegaste da pistola e então, cauto e de esguelha,
Mas sem dó, lhe metteste a bala n'uma orelha.
(Apontando para o Infante e Rainha)
Pois bem, tu vês ali dois cães que estão damnados.

(Estendendo-lhe uma pistola)

Se gritarem, desfecha.

(Simão Peres, que ha pouco entrou pela porta secreta sem ser presentido, approxima-se e arranca-lhe a pistola das mãos)

Infame!

SIMÃO PERES

Olá, soldados!

(Entra um grupo de soldados que immediatamente cercam o Conde de Castel-Melhor)

SCENA VI

Os mesmos, SIMÃO PERES e Soldados

RAINHA

Salvos emfim!

INFANTE

Depressa, a mascara.

(A Rainha põe a mascara e o véu)

EL-REI

Denigre

Nova traição minh'alma!

CASTEL-MELHOR

O verme é pelo tigre!

SIMÃO PERES

Senhor Conde, insultaes-me, e bem sabeis comtudo
Quanta vez, n'outro campo, eu vos servi de escudo.
O mundo é feito assim!... Agora vejo claro,
E nunca mais conteis co'o meu modesto amparo.
(Para o Infante)
Senhor aos vossos pés deponho a minha espada;
É pobre, mas fiel, modesta, mas honrada.
Passei noites sem termo, ao frio, á chuva, inquieto,
A vigiar, como um lynce, o caminho secreto.
O bicho da traição pullula em toda a parte!
Senhor, sou vosso escravo.

INFANTE

Eu saberei pagar-te.
(Á porta, chamando)
Olá, senhores, vinde.

SCENA VII

Os mesmos, DUQUE DE CADAVAL, MARQUEZ DE CASCAES, CONDE DA TORRE, D. RODRIGO DE MENEZES, PADRE NUNO e outros Fidalgos

DUQUE, entrando

O Conde!

OS FIDALGOS

O Conde!

PADRE NUNO

É caso!

CONDE DA TORRE

O Conde que se explique... ou vae já tudo raso!

INFANTE

Vós, Duque, esta senhora acompanhae.

DUQUE, cumprimentando a rainha

Senhora!

(Sahem o Duque e a Rainha. Todos se curvam, quando passam)

SCENA VIII

Os MESMOS, menos a RAINHA e o DUQUE DE CADAVAL

INFANTE, mostrando SIMÃO PERES

Tudo perdido já verieis, se não fôra
A prudencia, o valor d'este homem que nos salva.

SIMÃO PERES

Senhor, eu vim correndo á luz da estrella d'alva.

INFANTE

Vosso nome?

SIMÃO PERES

Simão, por appellido Peres,
Simão Peres.

EL-REI

Que vive á custa de mulheres,
E agora de traições.

SIMÃO PERES

Senhor, eu vos perdôo.
É dever de christão.

(Para o Infante)

Mas se temeis que o vôo
Tente de novo o preso, a mim, um bom vassallo,
Dae-me a guarda d'El-Rei...

(Pondo a mão sobre o hombro d'El-Rei)

que eu saberei guardal-o.

. EL-REI

Infame! Ousas tocar-me.

BRAZ, correndo contra SIMÃO PERES

Ah! cão damnado,... morre!

(Enterra-lhe uma faca no ventre)

D. RODRIGO, segurando BRAZ

Na forca o pagarás!

SIMÃO PERES, cahindo

Morro!... Quem me soccorre..!

INFANTE

Valei-lhe, padre Nuno.

PADRE NUNO, de joelhos,
sustendo a cabeça de SIMÃO PERES

Irmão, pensae no inferno,
Fazei-me a confissão, fugi do lume eterno.

SIMÃO PERES, expirante

Tive a sorte d'um burro,... a vida desregrada,...
E bojo para tudo,... até para a facada!
(Morre)

EL-REI, que, durante a confissão de Simão Peres,
assignou a renuncia

Eis a renuncia, irmão. Deus te perdoe!... Não lego
Senão males! Conquisto a luz, porque era cego.
Só duas condições; por ellas me responde:
Darás a vida ao Braz e a liberdade ao Conde.

INFANTE

Acceito.
(El-Rei entrega-lhe a renuncia. O Infante approxima-se da mesa e assigna um outro papel)

CASTEL-MELHOR, para EL-REI

Sois perdido!

INFANTE, entregando ao CONDE DE CASTEL-MELHOR
o papel em que escreveu

Eis o salvo conducto.
Agora partireis.

CASTEL-MELHOR, para EL-REI

Senhor, eu vou de luto
Pela patria e por vós.
(Beija-lhe a mão)

EL-REI

Conde, que Deus te assista.
(Sahe o Conde de Castel-Melhor)

INFANTE, para EL-REI

Passae d'amigos bons os nomes em revista.
Entre os nobres decerto ha muitos a quem prasa
Servir-vos na desgraça e ser da vossa casa.
Á vossa escolha deixo os nomes dos criados.

EL-REI, depois de lentamente ter percorrido a sala com o olhar,
apontando para BRAZ

Quero este.

INFANTE, baixo ao MARQUEZ

Pobre irmão!

D. RODRIGO

Senhor, vive em cuidados
Nobre povo, exemplar de rara lealdade;
Dae-lhe a nova que espera, o jubilo á cidade.

INFANTE

Vamos.

MARQUEZ, sahindo, baixo ao CONDE DA TORRE

Ao triste Rei pregaram boa peça.

CONDE DA TORRE, sahindo, baixo ao MARQUEZ

A coisa só commigo andava mais depressa.

(Sahem todos, menos El-Rei e Braz. Simão Peres, morto ao meio da sala)

SCENA IX

EL-REI e BRAZ

EL-REI

Braz, escuta, meu velho amigo. Eu sinto n'alma
Branda chuva a descer, que a minha febre acalma,
Sereno que precede a noite onde me interno,
Em que hei de alfim sonhar na paz do somno eterno.
Sacou-me as ruins paixões a mão d'um anjo occulto.
Quero os olhos fechar sem mais temer o vulto,
Que vinha, ás noites, rir sentado no meu leito.
É bom dormir!... Mataste um homem; foi mal feito.
Reza um credo commigo a São Braz, teu patrono,

(Apontando para o corpo de Simão Peres)

Afim que este não venha apouquentar-te o somno.

(Braz ajoelha junto ao corpo de Simão Peres. El-Rei fica de pé, do outro lado, rezando. Ouve-se o repicar dos sinos)

D. RODRIGO, fóra

D. Pedro é quem governa, ó povo, d'ora avante!
Viva, D. Pedro! Viva o Infante!

POVO, fóra

Viva o Infante!

EL-REI

Olha por nós, Senhor, que as faltas nos relevas,
Deus, origem da luz... Senhor tambem das trevas!

(Ouve-se novamente o repicar dos sinos e musicas festivas)

Terminou a impressão

NA

IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

Aos vinte e nove de maio do

anno

MDCCCXC